

**UMA CIDADE CONDENADA AO
CANIBALISMO: *DECLAMATIO MAIOR XII*,
DE PSEUDO-QUINTILIANO**

Charlene Martins Miotti

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
(charlene.miotti@letras.ufjf.br)

Fernando Miranda Fiorese Furtado

Universidade de São Paulo (USP)
(fernando_furtado@usp.br)

DOI: [10.11606/issn.2358-3150.v2i1p81-156](https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v2i1p81-156)

Letras Clássicas, v. 2, n. 1, p.81-156, 2024

UMA CIDADE CONDENADA AO CANIBALISMO: *DECLAMATIO MAIOR 12*, DE PSEUDO-QUINTILIANO

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de tradução em português brasileiro da décima segunda peça das *Declamationes Maiores*, obra situada entre os séculos II e IV da era comum, atribuída pela tradição a Quintiliano (30-96 EC) ou a seus asseclas. A *Declamatio maior 12*, com vinte e oito parágrafos, é a mais extensa do conjunto de dezenove declamações, marcado por temas nefandos, como se verá na apresentação. A tradução é precedida pela contextualização da obra com sucintas informações sobre a suposta autoria, vinculação ao gênero oratório, conjuntura histórica da Roma imperial, marcas intertextuais e recursos poéticos em prosa.

Palavras-chave: Declamações, Pseudo-Quintiliano, canibalismo, intertextualidade, oratória.

A CITY CONDEMNED TO CANNIBALISM: *DECLAMATIO MAIOR 12*, BY PSEUDO-QUINTILIAN

Abstract: This article presents a translation proposal into Brazilian Portuguese for *Major Declamations'* twelfth piece, a work located between the second and fourth centuries of the common era, attributed by tradition to Quintilian (30-96 CE) or his followers. The *Declamatio maior 12*, with twenty-eight paragraphs, is the most extensive one among the set of nineteen declamations, marked by nefarious themes, as will be seen in the presentation. The translation is preceded by contextualization of the work with brief information about alleged authorship, linkage to the oratory genre, historical conjuncture of imperial Rome, intertextual marks and poetic resources in prose.

Keywords: Declamations, Pseudo-Quintilian, cannibalism, intertextuality, oratory.

As *Declamationes (maiores et minores)* de Pseudo-Quintiliano, segundo Michael Winterbottom (1984, xvi), teriam sido escritas “por um ávido leitor da *Institutio oratoria*, senão pelo próprio Quintiliano”. Na opinião de Shackleton Bailey (2006, 1.2), há uma possibilidade de que as declamações sejam fruto do trabalho de pupilos, preservadas pelo professor junto com o seu. Se a autoria das declamações atribuídas a Quintiliano permanece uma questão espinhosa para os Estudos Clássicos (são muitos os autores que tangenciam o assunto, mas poucos se dedicam a uma análise aprofundada a esse respeito, como o fez Constantin Ritter em 1881), não deveria, contudo, representar entrave para o debate acadêmico sobre os textos remanescentes da tradição do gênero.¹

As Maiores são compostas por dezenove declamações relativamente curtas (variando entre onze e vinte e oito parágrafos, cada uma), cujos textos foram preservados integralmente, e nos quais se encontra um uso amplo e diversificado do *color poeticus*: segundo Antonio Stramaglia (2002, 26), por trás de muitas escolhas expressivas é perceptível a influência de Virgílio, mas se entrevê também a de Ovídio e Sêneca trágico. A presença renitente de exemplos literários virgilianos na teoria de Quintiliano sobre o apelo às emoções em contexto judicial (*Inst.* 6.2) já foi observada (cf., p. ex., Miotti & Silveira, 2015; Pontes, 2015), e não deve causar surpresa a hipótese de que as *Declamações maiores* representem a

1 É digna de nota a força-tarefa internacional centrada na Università di Cassino, liderada por Antonio Stramaglia, com o objetivo de traduzir e anotar as 19 Declamações Maiores (1999-2020). Em 2021, a Harvard University Press trouxe à coleção da Loeb Classical Library dois volumes das “Major Declamations” com traduções de Michael Winterbottom, notas de Biagio Santorelli e edição geral de Antonio Stramaglia.

interface prática das recomendações que a *Institutio oratoria* provê aos oradores do final do século I da era comum.

Das dezenove declamações reunidas sob o título de *Declamationes maiores*, ao menos doze tratam de questões que podem ser consideradas nefandas: assassinatos em família ou em resposta a uma tentativa de estupro (1, 2, 3),² o suicídio motivado por uma profecia sinistra (4), a mãe que deve escolher qual dos filhos sacrificar (8), a magia sobre o sepulcro de uma criança (10),³ o canibalismo entre cidadãos de uma cidade inteira (12),⁴ a “poção do ódio” administrada por uma prostituta para mitigar a obsessão amorosa de um cliente (14, 15), a tentativa de parricídio com veneno (17) e o incesto entre mãe e filho (18, 19). As declamações 14-15 e 18-19 são especialmente valiosas porque trazem o “caso completo”, isto é, os discursos de acusação e defesa sobre a mesma causa. Ainda que fosse prática comum trazer para os exercícios oratórios temas mitológicos (domínio onde o macabro encontra palco e plateia), as particularidades dos discursos de acusação na obra de Pseudo-Quintiliano levantam questões que extrapolam a preocupação com os supostos autores dessa coletânea *sui generis* e se voltam para o clima de opinião⁵ que fomentou sua produção.

2 As duas primeiras declamações foram recentemente traduzidas por Fernando Miranda Fiorese Furtado, sob orientação do Prof. Dr. Pablo Schwartz Frydman (USP), na dissertação de mestrado intitulada “Declamações Maiores I e II de Pseudo-Quintiliano: Tradução e Estudo” (2019).

3 A única declamação latina que apresenta um mago é precisamente a décima *declamatio maior* (cf. Stramaglia, 2002, 20).

4 A tradução cuja versão final aqui se apresenta começou a ser preparada como parte do trabalho de conclusão de curso do bacharelado em latim de Fernando Miranda Fiorese Furtado (Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016), sob orientação da Profa. Dra. Charlene Martins Mioti: “Declamação Maior 12 de Pseudo-Quintiliano: os que se alimentaram de cadáveres”.

5 “*Climate of opinion*” é uma expressão cunhada por Ernst Frideryk Konrad Koerner, a propósito do que ele chamou de “princípio de contextualização” das teorias linguísticas. Acreditamos que sua premissa é inteiramente válida para o campo literário: “*The first principle for the presentation of linguistic theories propounded in earlier (pre-twentieth-century)*”

A arte retórica, como se sabe, ocupava lugar proeminente na educação romana porque a capacidade de se posicionar e discursar de maneira convincente nas assembleias públicas era uma prerrogativa básica para o pleno exercício da cidadania. Sabe-se que rétores gregos e seus pupilos praticaram exercícios retóricos sobre temas judiciais e deliberativos por séculos antes de Marco Aneu Sêneca (54 AEC-39 EC) testemunhar que havia visto nascer o gênero das controvérsias declamatórias (*rem post me natam, Con. 1 pr. 12*). É notório que tais exercícios já fizessem parte do curriculum escolar latino no tempo de Cícero (106-43 AEC), porém, é provável que a prática de adultos amadores declamarem publicamente só tenha se tornado rotina durante a vida de Sêneca, o velho (Fairweather, 1984, 543-4).

Se as evidências circunscrevem essas declamações seguramente entre os séculos II e IV, fixando a *Institutio oratoria* como principal referência teórica, encontramos nas *Declamationes* um testemunho historicamente negligenciado da chamada prosa literária imperial, cujas simetrias com Sêneca e Petrônio vão muito além da língua e do estilo.⁶

Sobre o teor surreal ou artificial dos temas escolhidos para as declamações, como casos de fantasmas, poções de ódio e uma cidade inteira se rendendo ao canibalismo, Lewis Sussman (1987, v) pondera: basta folhear as páginas de um jornal popular para encontrar casos semelhantes a esses, por mais extremos que nos pareçam.⁷ Se Quintiliano explicitamente recomenda (*Inst. 2.10.3-5*) que os declamadores busquem maior proximidade com situações reais,

periods concerns the establishment of the general 'climate of opinion' of the period in question. Linguistic ideas have never developed independently of other intellectual currents of the time; what Goethe called the 'Geist der Zeiten' has always left its imprint on linguistic thinking. At times, the influence of the socio-economic and even political situation must be taken into account as well" (1995, 13).

6 Para mais detalhes sobre língua e estilo, cf. Stramaglia, 2002, 27.

7 (*The common criticism therefore is that cases such as these are unnatural and far removed from the world of reality*). Yet one has only to scan the pages of a daily newspaper to find cases that parallel these, extreme though they are.

ele também garante certo espaço para a ficção: “Mas como assim? Nunca permitiremos aos jovens lidar com enunciados fantásticos e (como eu, para ser franco, chamá-los-ia) poéticos, de modo que relaxem, deleitem-se com o material e, digamos assim, ganhem peso?”⁸

Pode-se levantar a hipótese de que a fuga para temas desta natureza, para além das questões implícitas ao gênero declamatório, espelhasse certa tensão social oriunda do período pós-Nero. Ana Alexandra Sousa (2011, 20), por exemplo, descreve aspectos das práticas discursivas em contexto de domínio imperial, sublinhando certa prevalência de temas voltados para o sobrenatural na produção artística do período. Segundo a autora,

se verifica uma profunda transformação da sensibilidade artística, pois o peso crescente da retórica na formação dos jovens criou novas modas literárias e modificou os cânones estéticos. Apesar de a retórica ter tido sempre importância na educação romana, esta época viu aumentar o número de escolas orientadas por rétores e a declamação (*declamatio*) tornou-se um fim em si mesma, desligando-se de uma prática exterior concreta. Muitos acusavam estas escolas de não prepararem os oradores para as carreiras públicas, exercitando temas fictícios, distantes da vida real. O próprio Sêneca foi iniciado na retórica pelo pai, que escreveu para os filhos as famosas Controvérsias e Suasórias, ficando, por isso, conhecido como Sêneca, o Rétor. Nesta obra são reunidos e comentados, com fins didáticos, vários discursos dos oradores romanos. Além da retórica, um certo gosto pela visualização e exploração do macabro e da violência que se cruza com uma forte atração pela magia e feitiçaria marca de forma especial esta literatura.

Como se sabe, na República da época de Cícero, a boa oratória era primordial para o exercício de cidadania, porque os discursos

8 *Quid ergo? numquam haec supra fidem et poetica, ut uere dixerim, themata iuuenibus tractare permittamus, ut expatientur et gaudeant materia et quasi in corpus eant?* (tradução de Falcón, 2015)

eram feitos nos tribunais para defender posições políticas e influenciar nas questões de Estado, contando com a participação dos senadores nas votações. Com a transição da República para o Império e o poder concentrado nas mãos do imperador, houve uma mudança de paradigma na função político-social da oratória em Roma: constata-se certo esvaziamento das modalidades judicial e deliberativa (consequentemente, ascende a modalidade epidítica), em virtude do enfraquecimento da figura da aristocracia romana na tomada de decisões (mesmo que essa elite não tenha perdido, efetivamente, o seu prestígio social). Assim, as modalidades em declínio encontram seu lugar nas salas de declamação, espaço de educação e recreação para jovens aristocratas (Albrecht, 1999, 833). William Edward (1928, xvi-xvii) resume a questão:

Como é que aquilo que fora primeiramente um mero exercício das escolas de retórica, ou um termo aplicado à prática privada de um orador distinto, tornou-se, nos primeiros anos do reinado de Augusto, uma performance pública e atraente, uma coisa praticada por si mesma, e, de certo modo, algo pelo qual todas as classes sociais se animavam? O motivo deve ser encontrado na mudança de condições políticas. A república estava extinta desde Filipo; uma vez estabelecido finalmente o poder de Augusto no Ácio, o príncipe concentrou todo o poder em suas próprias mãos: as assembleias do povo eram então desorganizadas ou de relevância política insignificante, as deliberações do senado perderam significado e efetividade; suas decisões poderiam ser revogadas a qualquer momento pela intervenção individual do Imperador. A oratória livre sobre temas relevantes, tais como aqueles que inspiraram a eloquência ciceroniana, já não podia ser ouvida. Pleitos autênticos, em que a decisão poderia ser desenvolvida por um advogado, estavam confinados às cortes centurias [...].⁹

9 As traduções serão sempre nossas, a menos que haja indicação contrária. *“How is it that was at first merely an exercise of the schools of rhetoric, or the term applied to the private practice of a distinguished orator, has become in the early years of Augustus’ reign a fashionable and public performance, a thing practiced for itself, and to such an extent that all classes of society are*

Quanto à função educativa das declamações, Joy Connolly (2015) acredita que as questões-chave são a inserção dos conceitos de “empatia” e “sofrimento” e que esta nova ficção quase surrealista teria como objetivo ensinar aos jovens sobre estes sentimentos, o que explicaria os excessos e arroubos de emoção nos discursos. Neil Bernstein (2015), por outro lado, aposta numa função mais prática e política destas declamações, que se voltavam para a análise de casos fictícios, sendo alguns deles passíveis de acontecerem na vida real. Alguns dos casos contêm um teor claramente subversivo, como o que o próprio Bernstein examina mais a fundo, sobre o apedrejamento do filho de um homem rico, incitado por um homem pobre (declamação 11). Se não é possível ignorar o viés social e muitas vezes político destes casos, Neil Bernstein conclui que, para os jovens da elite, a ficção poderia significar um exercício útil para conjunturas em que houvesse agitação popular, uma forma de ensiná-los a se prevenir para situações de risco perante uma audiência. O debate permanece em aberto e a necessidade de pesquisas que explorem o assunto se torna cada vez mais evidente.

Como ponto de partida para as reflexões apenas esboçadas aqui (e que pretendemos aprofundar no futuro), apresentamos uma proposta de tradução da décima segunda declamação, a mais extensa de todas, com vinte e oito parágrafos. Ao longo do trabalho com o texto, alguns recursos estilísticos tipicamente poéticos saltaram aos olhos, como o uso de sintaxe expressiva, aliterações, assonâncias e sofisticados exemplos de intertextualidade, especialmente com o *Tiastes* de Sêneca (cf. parágrafos 2.2, 3.4, 13.4, 14.3, 26.3-6, 28.1-4). Trata-se de uma referência previsível, sendo a tragé-

enthusiastic about it? The cause must be found in the changed political conditions. The republic was extinct at Philippi; the power of Augustus finally established at Actium, the prince had concentrated all power in his own hand: the assemblies of the people were now infrequent or of no political importance, the deliberations of the senate had lost significance and reality; their decisions might be forestalled at any moment by the Emperor's personal intervention. Free oratory on great themes, such as had inspired the eloquence of Cicero, was no longer heard. Genuine pleading, where the decision could be affected by advocate, was confined to the centumviral courts [...].”

dia senequiana um dos mais importantes expoentes romanos no tema da antropofagia (cf. ainda o mito de Tíreu, Procne e Filomela nas *Metamorfoses* de Ovídio, 6.412-674; a narrativa de Tídeu e Melanipo, na *Tebaida* de Estácio, 8.760-765; Juvenal, 15. 93-116; Petrônio, 141.9-11 et al.).

O argumento da décima segunda declamação é basicamente o seguinte: uma cidade atravessava um período de grave estiagem, o que obrigou os cidadãos a racionar comida e eleger um emissário para buscar suprimentos além-mar, estabelecendo um prazo máximo para seu retorno. Tendo partido, ele comprou a quantidade necessária de grãos e – segundo ele, desviado por uma tempestade até outra cidade (igualmente faminta) – vendeu pelo dobro do preço que tinha pagado, lucro que lhe permitiu voltar a seu primeiro destino e recomprar o dobro de grãos para seus compatriotas. Em sua ausência, no entanto, muitos cidadãos morreram de fome e, os que sobreviveram, só o conseguiram porque foram obrigados a se alimentar dos cadáveres dos seus. Apesar de o emissário ter voltado na data limite fixada pelo conselho de cidadãos antes de sua partida, ele foi acusado de lesa-pátria (ou, prejuízo ao Estado, como se lê na última linha do argumento que introduz a *declamatio maior* 12; *reuersus ad praestitutam diem rei publicae laesae accusatur*). Para além do intrincado enredo e da qualidade dos argumentos, chama a atenção a insistência em aliteraões e assonâncias expressivas ao longo da tessitura do discurso de acusação.

Joy Connolly, em artigo de 2015, faz a seguinte afirmação: “como qualquer estudante de retórica sabe, a crítica romana ao gênero declamatório reside precisamente no fato de incentivar linguagem excessivamente ornamentada e inadequada, jogos de palavras sem sentido, enredos ridiculamente inverossímeis, e exageradas demonstrações de emoção”.¹⁰ Se o papel do pesquisador moderno deve ser de identificação, levantamento e análise dos fenômenos

10 *As any student of rhetoric knows, the Roman problem with declamation is precisely that it invites improper excess –over-ornamented language, meaningless word games, ridiculously implausible plots, and heightened expressions of emotion* (Connolly, 2015, 199-200).

linguísticos e literários que caracterizam determinada produção na Antiguidade, convém evitar, portanto, reproduzir o juízo de valor que porventura a crítica contemporânea às escolas declamatórias tenha transmitido até os nossos dias.

Consoante ao *modus operandi* da análise intertextual, selecionamos alguns poucos exemplos de aliteraões e assonâncias encontradas na décima segunda declamação, identificando as marcas textuais que conduzem aos efeitos de sentido observados (os quais buscamos reproduzir na tradução). Antes de elencá-los, no entanto, cabe recuperar um célebre alerta que nos faz Umberto Eco, em “Os limites da interpretação”. Ao constatar que a primeira estrofe do poema *A Silvia*, de Leopardi, começava com a palavra Silvia e terminava com *salivi*, um anagrama perfeito (e o único possível em italiano), ele passa a buscar outros anagramas de Silvia (ainda que imperfeitos) no resto do poema. Sua conclusão é a seguinte: “Acredito que Silvia, como poesia, esteja jogando com aquelas seis letras de modo irrefutavelmente evidente, mas também sei que o alfabeto italiano tem apenas 21 letras e que são muitas as probabilidades de se encontrarem pseudo-anagramas de Silvia até mesmo na Constituição italiana” (Eco, 2004, 86). Com isso, procuramos evidenciar o teor interpretativo e, conseqüentemente, sujeito à controvérsia, de alguns dos exemplos selecionados. Por outro lado, qualquer leitor que já tenha se encantado com os versos sibilantes de Virgílio na descrição das serpentes que atacam Laocoonte e seus filhos no segundo canto da *Eneida*, não estará imune à prosa poética desta declamação. Eis um par de exemplos de aliteração nasal bilabial vozeada (vale lembrar que, sendo as pronúncias do fone /m/ por vezes diferentes no latim e no português, procuramos nos ater aos grafemas):

[3.4] In omnes gentes, in omnia uentura saecula proscripti sumus, omnes haec prodigia narrabunt, omnes execrabuntur – nisi qui non credent. Famem ipsam infamauimus, et, quod miseris ultimum est, miserationem quoque perdidimus.

(m 16x)

[8.4] Terram morientes momor-derunt. Memetipsum, si nil fuisset aliud, comedissem.

(m 9x)

[3.4] Para todos os povos, por todos os séculos vindouros, fomos degredados, todos narrarão estas monstruosidades, todos abominarão – exceto os que nisto não acreditarem. Difamamos a própria fome e perdemos tam-bém a compaição, esta que é o último recurso aos miseráveis.

(m 13x)

[8.4] Os moribundos mordiam o solo. Teria comido a mim mesmo, se nada houvesse além disso.

(m 8x)

Em “O ser e o tempo da poesia” (1977, 46-48), Alfredo Bosi toma como matéria de reflexão uma série de palavras que contêm a vogal /u/ na sílaba principal, tônica. Segundo ele, “os defensores do simbolismo orgânico acreditam que uma vogal grave, fechada, velar e posterior, como /u/, deva integrar signos que evoquem objetos igualmente fechados e escuros; daí, por analogia, sentimentos de angústia e experiências negativas, como a doença, a sujidade, a tristeza e a morte”.¹¹ Ainda que as observações de Bosi se refiram ao léxico da língua portuguesa, muitos exemplos são derivados diretamente de palavras latinas (como lugubris, urna, funebris,

11 “Um levantamento, ainda que parcial, de palavras que incluem a vogal /u/ em posição de relevo parece confirmar essa expectativa. I) Ao campo semântico da obscuridade material ou espiritual pertencem, por exemplo: bruma, crepúsculo, dúbio, escuro, escuso, fundo, fusco, gruta, negrume, negrura, noturno, penumbra, profundo, túnel, túrbido, turvo; II) Ao campo semântico do fechamento pertencem, além de palavras que já figuram na lista anterior, as seguintes: canudo, caramujo, casulo, cuba, cumbuca, espelunca, ocluso, obtuso, oculto, ofusco, recluso, sulco, sutura, tubo, urna, útero, úvula, vulva [...]; III) Junto ao escuro e ao estreito acha-se o campo simbólico do triste, do aborrecido, do mal-aventurado: agrura, amargura, amuo, angústia, azedume, calundu, caramunha, car-rancudo, casmurro, cenhudo, jururu, infortúnio, lamúria, macambúzio, pesadume, queixume, rabugem, resmungo, soluço, soturno, taciturno,

tumulus, moribundus, sepulcrum etc.),¹² fortalecendo a hipótese de que o efeito observado por Bosi possa ser aplicado também aos textos latinos. Seguem alguns exemplos de assonâncias particularmente estratégicas no texto da décima segunda declamação:

[4.6] *Aut astricta citra conatum
sata sub ipsis tabuere sulcis,
aut leui rore euocata radix in
puluerem incurrit, aut perustis
torrido sole herbis moribunda
seges palluit. Nullus imber
sitiuntis soli puluerem tersit,
nulla super arentes campos
saltem uumbra nubiuum pependit.*
(u 24x; i 22x; e 20x; a 19x; o 9x)

[4.6] Ou as sementes, sufocadas
antes de brotarem, murcharam
sob os próprios sulcos, ou as ra-
ízes, atraídas por um leve orva-
lho, acabaram por deitar ramas
sobre o pó, ou, com as plantas
causticadas pelo sol tórrido, a
seara moribunda empalideceu.
Nem a chuva lavou o pó da terra
sedenta, nem mesmo a sombra
de nuvens se estendeu sobre os
campos secos.

(o/u 23x)

urubu, uruca; IV) Junto ao escuro, estreito e fechado, está o sujo, o pu-
trescente, o mórbido: chulo, corrupto, culpa, cúpido, cuspe, dissoluto,
furúnculo, ferrugem, estupro, impuro, imundo, lúbrico, lúrido, muco,
nauseabundo, poluto, pústula, pútrido, sujo, úlcera. O Diabo é Belzebu,
Cafuçu, Cujo, Sujo, Súcubo, Exu; V) Enfim, ponta extrema da negativida-
de, as palavras da morte: ataúde, moribundo, catacumba, múmia, defun-
to, sepulcro, fúnebre, tumba, fúnero, túmulo, lúgubre, urna, luto, viúvo”
(Bosi, 1977, 46-48).

12 Para um detalhamento sobre a pronúncia das vogais em latim clás-
sico, cf. Allen, 1978, 47-55.

[11.1] *Succurr̄ite, dolor et seri uomītus et ultr̄ix paenītētia; ades, longī ieiun̄ii imperiosa necessitas; et uos intus̄ implic̄itae, sī quid̄ potestis̄, admonete, anim̄ae, et a feralī uentre prorump̄ite, dum̄ comm̄issum nefas deuoto cap̄ite exp̄iamus et quasī lustrata urbe feralem uict̄imam uiolat̄is manib̄us m̄ittimus.*

(i 33x; u 22x)

[28.3] *Vrunt̄ anim̄um intus̄ sceler̄um faces, et, quot̄iens facta reput̄aui, flagellā mentis sonant. Vl̄trices uideō furias, et, in qūamcum̄que me partem conuert̄i, occurr̄unt um̄brae meorum̄.*

(u 19x)

[11.1] *V̄inde, dor e v̄ômitos tardios e arrependimento v̄ingador. Apresenta-te, poderosa penúria fruto [dessa] longa fome. E vós encerrados em nossas entranhas, se de algo sois capazes, castigai-nos, espíritos, e arrancai-vos do ventre sepulcral, enquanto expiamos – pela oferta de uma vida humana – o crime de todos nós e, como se purificando a cidade, sacrificamos a lúgubre vítima aos manes violados.*

(i/e 35x; o/u/v 33x)

[28.3] *Dentro de mim, as chamadas crimes me consomem o espírito e todas as vezes em que penso no que fiz, se fazem ouvir os açoitamentos da mente. Vejo as Fúrias vingadoras e para onde quer que me volte, assomam as sombras dos meus.*

(o/u/v 25x)

Por fim, sublinhamos a curiosa repetição das flexões “tu”, “te”, “ti(bi)” que predomina nos parágrafos 17 e 18 (onde abundam também os fones /m/ e /u/), culminando com a acusação final ao emissário em [19.1].

[17.3] *Te, te expectantes̄ int̄ent̄is oculis̄ morimur̄, in marē mort̄ui cadunt̄.*

(t 7x)

[18.4] *Sic̄ fit̄ ut̄ tē iuūet̄ diu nauigare: nullus̄ amoenus̄ praetermitt̄itur portus̄, nullā celebris̄ ciuitas̄ inuisitatā transit̄ur. Ment̄ior? Et̄iam ad esurient̄is̄ adplicas̄.*

(t 16x)

[17.3] *É por ti, por ti que esperamos quando – os olhos fitos no longe – morremos, e no mar se precipitam os mortos.*

(t 5x)

[18.4] *Acontece que estas longas viagens te deleitam: de nenhum porto vistoso te esqueces, nenhuma cidade ilustre fica sem tua visita. Minto? Atracas até nos portos de quem também passa fome.*

(t 14x)

[18.7] Nobis nihil iam residui spiritus superest, nos in conspectu mortis stamus, nos legatum frumentumque nostrum ore aperto expectamus; classis nostra uecturam facit et uicinarum ciuitatum copias reconducit. Paene a conspectu nostro uela conuersa sunt: quantulo minus quam con<g>esti frumenti puluerem uidimus? [18.8] Tantum iam temporis transiit ex quo pecuniam contulimus, legatum creauimus. Iam dinumeratis temporibus, quae secundi uenti breuiora fecerunt, cotidie spero, et sane prope est. At legatus meus ad emendum modo proficiscitur. [19.1] Tibi ergo tot ciuium mortis inputo, tibi stragem populi, tibi liberum parentumque miserrimas poenas, tibi quicquid passi sumus, tibi – quod grauius est – quicquid fecimus.

(em todo o trecho:
te 9x; ti 17x; tu 18x)

[18.7] Já não há nada mais do que restava de nosso espírito, nós estamos face a face com a morte, esperamos boquiabertos o emissário e as nossas provisões; a nossa frota, enquanto isso, transporta mercadorias e em viagem extra carrega os mantimentos das cidades vizinhas. As velas deram a volta quase debaixo de nossos olhos: por quão pouco não vimos a poeira das provisões amontoadas! [18.8] Tanto tempo já se passou desde quando juntamos o dinheiro, elegemos o emissário. Já tendo calculado o tempo de viagem, que os ventos favoráveis abreviaram, tenho esperanças diariamente e, é bem verdade, está próximo. Mas meu emissário, naquele instante, vai às compras. [19.1] Logo, atribuo a ti a morte de tantos cidadãos, a ti, a ruína do povo, a ti, os sofrimentos deploráveis de pais e filhos, atribuo a ti tudo quanto sofremos, a ti – o que é mais grave – tudo o que fizemos.

(em todo o trecho:
te/ti 20x; to/tu 12x)

Sem mais procrastinar, passamos à tradução integral da décima segunda declamação, convidando o leitor a ouvir com atenção a cadência poética que emana da prosa retórica desta peça. O texto latino utilizado aqui é o estabelecido por Lennart Håkanson (1982), reportado na edição de Antonio Stramaglia (2002). Acolhemos suas soluções, a menos que haja nota em contrário. Outras traduções com as quais contrastamos a nossa, além da do próprio Stramaglia, são a de Lewis Sussman (1987) e a de John Warr (1686).

Cum ciuitas fame laboraret, misit ad frumenta legatum, praestituta die intra quam rediret. Profectus ille emit et ad aliam ciuitatem tempestate delatus duplo uendidit et duplum frumenti modum comparauit. Illo cessante corporibus suorum pasti sunt. Reuersus ad praestitutam diem rei publicae laesae accusatur.

[1.1] Quamuis, iudices, innumerabiles me indignandi causae initio statim actionis strangulents, quia nec dicere uniuersas semel possum nec gregatim erumpentes differe gemitus (leuior est enim dolor qui disponitur), primum tamen ille sibi adserit locum, qui est ex hoc iudicii tempore et tam lentae uindictae dilatione ortus animi mei prope dixerim furor, quod hominem tam sceleratum, ut nos quoque fecerit nocentes, legibus accersimus; quod defendi patimur; quod ut puniatur precamur; quod damnatus quoque uel morte defungetur, quam nos in illa funestissima fame, dum sepeliri licuit, optauimus, uel exilio, quod hic quantopere contemnat apparet, qui tam lente in patriam reuertitur. [1.2] Quamquam de quo exilio loquar? Quantalibet ignominia dimittite domo noxium: habet quo eat. [1.3] Non publicis manibus exeuntem discerpimus, non, quoniam semel consueramus et bona fide ferarum esse ciuitas coeperat, hic primus nobis ex tam tardo commeatu placuit cibus? Sic enim istum laniari, sic confici, sic consumi oportuit iure nostro. [1.4] Quis credat? Ego me ab hoc abstinere potui, cum et esurirem et irascerer. [2.1] Sed frumento occupati sumus, nec

13 A *lex rei publicae laesae* também aparece, entre os latinos, em Sêneca, *Contr.* 5.7; 10.4; 10.5, nas *Declamationes minores* 260 e 326, e em Calpúrnio Flaco, 5.45. O tratamento do tema aqui segue em linhas gerais aquele exposto na re-

Como padecia uma cidade de fome, mandou um emissário buscar grãos com uma data determinada para voltar. Tendo partido, ele comprou e – desviado por uma tempestade até outra cidade – vendeu pelo dobro e ajuntou duplo montante de grãos. Em sua ausência, os cidadãos comeram os cadáveres dos seus. De volta no dia determinado, é acusado de prejuízo ao Estado.¹³

[1.1] Muito embora, juízes, inúmeras causas de indignação dificultem-me desde já o início do discurso, já que nem posso dizer todas as coisas de uma vez nem posso reter os lamentos que surgem como rebanhos (pois é tão só a dor mais leve que se deixa expor metodicamente), todavia, toma para si o primeiro lugar isto que quase chamaria fúria de meu espírito, que nasceu das circunstâncias do julgamento e da dilação de tão morosa vindicação: porque buscamos através de leis homem tão vil, tanto que fez também a nós culpados; porque permitimos que se defenda, porque temos que pedir à corte que seja punido, ainda porque, condenado, ou paga com a morte, a qual nós mesmos preferiríamos naquela fome a mais funesta, conquanto fosse permitido sermos enterrados, ou paga com o exílio, do qual até aqui desdenha, este que depois de tão longo tempo volta a sua terra. [1.2] Mas de que exílio falo? Afastai o criminoso de casa com quanta ignomínia vos aprouver, visto que tem para onde ir. [1.3] Não despedaçamos pelas mãos do povo o que desembarcava; não nos pareceu apropriado – vez que já estávamos acostumados e a cidade, sinceramente, já tinha se tornado um ninho de feras – que fosse ele o primeiro alimento oriundo de suas tão demoradas provisões? Seja assim esquartejado, estraçalhado, consumido, conforme a nossa lei. [1.4] Quem acreditaria? Eu pude manter-me afastado dele, embora tomado pela fome e pelo ódio. [2.1] Mas nos preocupamos com o alimento, não víamos mais nada. Quão grande és, ó fome, que venceste ira

ferência a ela em Inst. 7.4.37. Segundo Bonner (1949, 97-98), há evidência de tal lei tanto na Grécia como em Roma e não é possível chegar a uma conclusão sobre sua origem, nem as referências a ela na *Institutio* possibilitam chegar a uma origem escolástica.

quicquam aliud uidemus. O quanta es, fames, quae tam grandem iram uicisti! At ego, etiamsi talis ultio contigisset, si me a nefario grassatore rei publicae non ingua sed dentibus uindicassem, nihil tamen irae, nihil uindictae praestiteram: hoc et meis feci. [2.2] Aestuant adhuc intra pectus sepulta uentribus nostris cognata uiscera, et tumescere intus atque indignari uidentur et sera paenitentia redundant. Iam enim uacat nobis lugere, iam cibos nostros efferimus, residua cremamus; nam cetera nobiscum sepelientur. [2.3] Ignoscite tamen, uiolati manes meorum – hic uos adloquor –, ignoscite quod ora temerauimus, quod ab homine descuiimus. Non ut infelicem animam sustineremus, non ut inuisum spiritum produceremus, fecimus; una causa mortem distulimus: quod, si expirassemus, idem timebamus.

[2.4] Et ego quidem me consumptis excuso, qui mihi ipsi <nisi> irasci non possum. At iste interim stat, ut uidetis, longa uia saginatus et satur atque habundans publico commeatu; ad mentionem ciborum nostrorum plenum fastidio uultum trahit et exsanguis ac pallidos ad calculum uocat, quae ego non confitear illum etiam nimium multum attulisse tam pauci<s>. [2.5] Rari per uias interlucent, et quamuis odio euersoris nostri euocatus e latebris suis populus subsellia non inplet. Pauci sceleribus pasti, alienis mortibus salui, quod uiuunt, ipsi sibi rei, graues, aegra et tabida membra in publicum protulerunt. [2.6] Hae sunt ciuitatis reliquiae, quae uidetis; sic tabuimus, ut miseris nec uiuos habeamus

14 Parece-nos que o declamador, ao recusar a ‘nova’ lei que passara a imperar durante a ausência do emissário, intenta reinstaurar um ambiente da ‘velha’ legalidade dentro do universo ficcional, o que vai ao encontro de [11.4].

tão grande! Mas eu, ainda que uma vingança tal se tivesse consumado, se me tivesse defendido deste nefário perturbador da república não com a língua, mas com os dentes, em nada, porém, teria satisfeito a ira, em nada a vingança: isto também fiz aos meus.¹⁴

[2.2] As vísceras dos familiares, sepultadas nos nossos corpos, se revolvem até agora dentro de nós, parecem inchar por dentro e revoltar-se, refluindo devido à tardia penitência. Todavia, já é tempo de chorarmos, já velamos nossa comida, cremamos os restos; pois outro tanto será enterrado conosco. Ó fome inaudita, na qual a inanição é o de menos! [2.3] Perdoai ainda, manes meus violados – tanto vos digo – perdoai termos profanado nossas bocas, termos nos afastado do humano. Fizemo-lo, não para que sustivéssemos nosso espírito infeliz, não para que prolongássemos nossa existência odiosa; por uma única razão protelamos a morte: porque temíamos o mesmo nos acontecer, se morrêssemos.

[2.4] Eu, que não posso senão ter raiva de mim mesmo, por certo me desculpo àqueles que consumi. Mas, enquanto isso, este aí de pé, como veem, está gordo e saciado da longa jornada, e transbordando de provisões públicas; à mera menção de nossos grãos, contrai o rosto farto como se em fastio e chama a fazer contas pessoas exangues e pálidas, como se eu não reconhecesse ter ele sim trazido excessiva quantidade a tão poucos. [2.5] É raro ver alguém pelas ruas, e apesar de chamado a sair de seus abrigos pelo ódio ao nosso perversor, o povo não enche o tribunal. Os poucos que de modo ímpio se alimentaram, salvos pelas mortes alheias, réus de si mesmos, e culpados, já que vivem, trazem a público os membros enfermos e debilitados. [2.6] Estes são o que resta da cidade, os que vedes; perecemos de tal forma que nós, miseráveis, nem vivos temos, nem mortos. Este é o povo, estas as forças, estas as esperanças, estes os meios. Em suma, emissário, se não tivesses

nec mortuos. Hic est populus, har uires, hae spes, hae opes. Nisi tandem ad uadimonium, legate, uenisses, non multorum dierum commeatum habebamus. [3.1] Quo nunc tantum frumenti, quo classem commeatu grauem? Multum hercule negotiatione tua actum est: frumentum habeo, populum non habeo. Nusquam prodest, nusquam opus est: iam licet uendas.

[3.2] Dum tu salutis publicae nundinator proximum quemque emptorem admittis, dum aut funera nostra uendis aut scelera, dum populo tuo fame moriente alienae ciuitati legatus es factus, nos interim cibos ex malis inuenimus, et fames se ipsa pauit, et miseriae nostrae crudeles factae sunt. Patiamur te defendi, si absolui saltem nos possumus! [3.3] Haec nunc, iudices, ego solus queror, ad me magis pertinent, aliquid proprie passus sum? Non communem dolorem accusator habeo cum iudice? Quisquam in hac uindicta alteri cedit? Non publica inopia, non totius populi uma mendicitas fuit? - nisi, quia funestas epulas et nefarios inuenimus cibos, non putamus famem fuisse. [3.4] In omnes gentes, in omnia uentura saecula proscripti sumus, omnes haec prodigia narrabunt, omnes execrabuntur – nisi qui non credent. Famem ipsam infamauimus, et, quod miseris ultimum est, miserationem quoque perdidimus.

[3.5] Adhuc tamen uma defensio fuit, quod uidebamus in haec omnia istius opera inpulsi. Si hic innocens est, nostra culpa est!

vindo para honrar teu dever, não teríamos tido provisões por muitos mais dias. [3.1] Para que agora tantos alimentos, para que frota prenhe de provisões? Por Hércules, muito conseguiste com tua negociata: tenho alimento, não tenho povo. Não há qualquer serventia, não há mais qualquer necessidade: agora é lícito que vendas.

[3.2] Enquanto tu, que traficas com a saúde pública, recebes cada comprador um a um; enquanto vendes sejam nossas mortaldas, sejam as falhas nossas, enquanto – morrendo teu povo de fome – te tornaste emissário de cidade estrangeira; nesse meio tempo, nós encontramos o de comer nos frutos de nossa desgraça, e a fome proveu a si mesma e as nossas misérias se tornaram barbárie. Permitiríamos a tua defesa se pudéssemos ao menos sermos nós também absolvidos. [3.3] Juízes, só eu lamento agora estas coisas, concernem mais a mim, sofri algum dano em particular? Acusador, não tenho dor comum ao juiz? Alguém nesta reivindicação precede a outrem? Acaso não houve inópia pública, uma só penúria para todo o povo? – a não ser que, porque encontramos funestas iguarias e ímpio sustento, não achemos ter havido escassez. [3.4] Para todos os povos, por todos os séculos vindouros, fomos degredados, todos narrarão estas monstruosidades, todos abominarão – exceto os que nisto não acreditarem. Difamamos a própria fome e perdemos também a compaixão, esta que é o último recurso aos miseráveis.

[3.5] Não obstante, houve até aqui uma só defesa: que parecíamos forçados àquilo tudo por este aí. Se ele é inocente, é nossa a culpa!

[3.6] Etiamne publica mala narrabo et miseriis nostris conuicium faciam? Exibunt uerba, subsequenter sermo? Non alligabitur lingua? [4.1] Plane nihil non possumus: exponamus ordinem cladis nostrae, et simpliciter omnia indicentur. Decet ista nostro ore narrari: sed nouimus et nimium meminimus! [4.2] Iudex doceri non debet, opinor; reo indicanda sunt, qui a malis publicis afuit, qui hoc certe maximum debet patriae suae beneficium, quod a fame solus dimissus est. Audi itaque, audi, frumentum istud, quod lucri fecisti, quanti nobis constet.

[4.3] Aliqui fortasse, iudices, miratur, etiamsi huius feralis anni fructus cessauit, quod tamen illa superior longi temporibus beata fecunditas tabuerit, et secum ipse dubitat quid sit in causa, cur ciuitas opulenta quondam nihil frumenti, nisi in spe, habuerit. [4.4] Sic fit: ubi uicinis ciuitatibus uendimus, et, undecumque offulsit lucrum, sine respectu salus publica addicitur, in uacuum possessionem fames uenit. Etiam si quid residui erat, ut carius quidam uenderent, ad annonae incendium suppressum est. [4.5] Testor tamen conscientiam uestram, non sumus questi quamdiu duplo emebamus. Non enim uulgaris illa labes frumenti fuit, nec qualis alias ab agricolis accusari solet perfidia terrarum et ingratae messis inritus labor. Noua et inaudita abominanda lues, quae nihil homini reliquit praeter hominem. [4.6] Aut astricta citra conatum sata sub ipsis tabuere sulcis, aut leui rore euocata radix in puluerem incurrit, aut perustis torrido sole herbis moribunda seges palluit. Nullus imber sitientis soli puluerem tersit, nulla super arentes campos saltem umbra nubium pependit. [4.7] Calidi spirauere uenti, maturitatem praecepit aestus. Etiam sicubi forte ieiunae herbae solum uicerant, uanis tantum aristis

[3.6] Narrarei ainda os infortúnios públicos e censurarei nossas misérias? Sairão as palavras, seguir-se-á um discurso? Não se enrolará minha língua? [4.1] Claramente, não podemos ficar calados: exponhamos a sucessão de nossa ruína e seja tudo franca e claramente revelado. Convém que tudo isso seja narrado por nossa boca: porém, nós o sofremos e lembramos até demais. [4.2] O juiz não precisa, creio, de qualquer esclarecimento; é ao réu que os fatos devem ser recontados, este que esteve distante dos infortúnios da cidade e que deve certamente tão grande gentileza a sua terra, posto que só ele foi apartado da fome. Ouve então, ouve, quanto nos custou este alimento, com o qual fizeste lucro.

[4.3] Alguém talvez se admire, juízes, mesmo tendo falhado a colheita daquele ano funesto, que, porém, aquela fertilidade copiosa de muitos anos anteriores tenha murchado, e o próprio acusado pensa consigo mesmo que motivo haveria para que uma cidade outrora opulenta não tenha tido qualquer alimento, a não ser na expectativa. [4.4] Assim seja: quando vendemos às cidades vizinhas, e, sempre que surge uma oportunidade de lucro, a segurança pública sem remorso é sacrificada, tanto que a fome se apossou sem qualquer resistência. Embora restasse alguma coisa de nossas provisões, escondeu-se para aumentar o preço, de modo que alguns pudessem vender mais caro. [4.5] Apelo, não obstante, às vossas consciências: não reclamamos por causa do tempo em que comprávamos pelo dobro. Não foi, de fato, aquela uma queda comum da produção de alimentos, nem uma daquelas outras desgraças em que os agricultores julgam culpada a insubordinação da terra e vão o trabalho em razão da colheita ingrata. Novo e inaudito, abominável flagelo, que nada deixa ao homem além do próprio homem. [4.6] Ou as sementes, sufocadas antes de brotarem, murcharam sob os próprios sulcos, ou as raízes, atraídas por um leve orvalho, acabaram por deitar ramas sobre o pó, ou, com as plantas causticadas pelo sol tórrido, a seara moribunda empalideceu. Nem a chuva lavou o pó da terra sedenta, nem mesmo a sombra de nuvens se estendeu sobre os campos secos. [4.7] Os ventos sopraram quentes, o calor antecipou a maturação. E, ainda se em alguma parte, por sorte, algumas plantas secas vence-

spem fefellerunt, et inanis culmos tristes agrícōla iactauit uentis nihil relicturis. [5.1] Leuia queror: prata exaruerunt, perierunt frondes, germina non exierunt, nuda terra et rudes glebae et aridi fontes erant. Nisi haec omnia inter scientes dicerem, poteram uideri falso questus de hoc anno, quo tantum frumenti uendidimus. [5.2] Vtinam saltem nobis rudem uictum siluae ministrassent, et carpere arbu[s]ta, concutere quercum, legere fraga licuisset, et, quaecumque primi mortales ante traditos diuinitus mitiores cibos contra famem obiecerunt, pestifer annus reliquisset! Non eram delicatus. Sed o tristis recordatio, <o> funesta necessitas: nihil habuimus quo uiueremus, praeter famem.

[5.3] Nec tamen in totum queri de numinibus possumus, maria certe secunda experti. Si uoluisset seruare legatus diem, quem illi felicitas temporis dederat, potuit nobis frumentum bis adferre. [5.4] Vt primum tanti mali sensus in ciuitatem percrebruit, cum iam urgente inopia cotidie malum artius premeret et praesente fortuna peior tamen esset futuri metus, apparuit nullum ex propinquo esse praesidium, cum finitimas quoque ciuitates incendium nostrum adussisset. [5.5] Erat quidem aliquid in uicino adhuc frumenti, sed iam nemo uendebat. Ergo ut uidimus salutem publicam trans mare petendam, se in curiam quisque cogunt. [6.1] Vt arma bello, ut aqua incendio inclamari publice solent, ita uno quodam consensu non aetatibus [ex]spectatis, non honoribus, pariter rettulimus, probauimus, decreuimus, pedibus manibus <r>uimus in sententiam necessitatis, nec ordo nos officiorum moratus est. [6.2] Legationem multi pollicebantur, nec innocentiae iste beneficio uel auctoritatis meritorumque respectu electus est; una causa nos mouit: quod se cito rediturum pollicebatur.

ram sua batalha contra o solo, apenas nos frustraram com espigas ocas, e o agricultor desolado jogou as palhas vazias ao vento que nada deixaria para trás. [5.1] Queixo-me porém de trivialidades: os prados secaram, feneceram as copas das árvores, as sementes não germinaram, estavam a terra nua, as glebas incultas, as nascentes secas. Se não estivesse dizendo todas essas coisas entre quem delas está ciente, poderia parecer uma queixa sem razão sobre esse ano em que vendemos tanto alimento. [5.2] Se ao menos as matas nos tivessem fornecido um rústico sustento, e nos tivesse sido permitido apanhar algo das árvores, chacoalhar os carvalhos, colher morangos, e esse ano pestífero tivesse nos deixado seja lá o que os primeiros mortais usaram para se interpor à fome antes das provisões mais refinadas legadas pelos deuses. Eu não era melindroso. Mas – ah triste lembrança, <ah> necessidade funesta –: nada tivemos de que viver, para além da fome.

[5.3] Não podemos, entretanto, nos queixar inteiramente da vontade dos deuses, certamente encontramos os mares a nós favoráveis. Se o emissário tivesse optado por ater-se ao dia que a bonança lhe tinha dado, podia já nos ter trazido alimento duas vezes. [5.4] Tão logo o efeito de tão grande mal alastrou-se pela cidade, quando, já urgente a inópia, a desgraça a cada dia mais de perto nos rondava e, no entanto, o medo do futuro era pior do que a fortuna presente, fez-se claro não haver possibilidade de auxílio nas redondezas, vez que a nossa árida desgraça também tinha consumido as cidades vizinhas. [5.5] Certamente restava até então algum alimento na vizinhança, mas já ninguém vendia. Portanto, quando vimos que a salvação pública tinha que ser arranjada no além-mar, acorreram todos a aglomerar-se na cúria. [6.1] Como o povo costuma clamar por armas em tempos de guerra, por água nos incêndios, assim também, em certo consenso e sem distinguir idade ou posição, nós igualmente submetemos a causa, a examinamos, chegamos a uma decisão, com mãos e pés apressamo-nos à sentença apropriada para nossa necessidade, nem mesmo a sucessão das formalidades nos atrasou. [6.2] Muitos se ofereciam como emissários, mas elegemos esse aí, não graças à sua integridade ou em reconhecimento a seu valor e méritos; uma única causa nos

Pecuniam sine numero infudimus, frumentum sine modo mandauimus; quantum potuisset, adferret, festinaret modo. [6.3] Hoc una uoce supplices acclamabamus, ac, ne moraremur, ne hoc quidem diu rogauimus; una tantum uox fuit, quam iste pro quodam praeiudicio amplexus est: ‘Nihil agis adferendo frumentum, si post illum diem ueneris.’ [6.4] Nostris manibus legatum in nauem tulimus, ac, ne quid morae esset, pro sua quisque portione etiam commeatum dedimus, retinacula incidimus et litus ingressi classem publicis manibus inpulimus. Inde fugientia uela longo uisu prosecuti facilem emptionem, secundos uentos, placidum mare, non secus <ac si> ipsi nauigaremus, precati sumus.

[6.5] Quis credat hoc de tam miseris? Omnia a diis inpetrauimus. Scilicet unum superest, ut pro aliena ciuitate uota soluenda sint. Cito peruenit, cito emit, cito rediit – quo uoluit. Quid prodest? [expectare] alia ciuitas prior est, et sane religiosus legatus diem expectat. [6.6] Nos interim coacta primo ex agris pecora diripuimus et, ne uenturo saltem anno prospici posset, non reliquimus, qui ararent, boues. Iam seruis fugas imperauimus, iam procumbentes ante limina principum pauperes in ipsis precibus expirant. Plorantibus liberis legatum promittimus. Iam tantum sibi quisque cura est. [6.7] Nihil tamen horum etiamnunc in inuidiam legati queror: adhuc prior cursus est, hactenus nostra mala tulimus; in reliqua legatus nos uicarios dedit. [7.1] Si quicquam tibi humani sanguinis superest, nisi nimia saturitate alienae fortunae cogitatio excidit, respice patriae casum, respice grauissimam fortunam. Miseri te misimus, expectant pallidi exsanguisque ciues tui, et quicquid extremi spiritus adhuc superest, spe tui trahitur. [7.2] Figura tibi exesos uultus, decrescentem populum, iam praemortuas uires. Nec quicquam

moveu: que ele prometia estar logo de volta. Sem fazer contas, nós o enchemos de dinheiro, delegamos comprar alimento, sem restrição; que trouxesse quanto pudesse, contanto que se apressasse. [6.3] Súplices, exclamávamos isto em uma única voz e, para que não o atrasássemos, sequer rogamo-lo por muito tempo. Foi único o nosso apelo – o qual este abraçou como uma espécie de precedente: “Tu em nada nos auxiliarás trazendo alimento, se chegares depois do dia combinado”. [6.4] Levamos o emissário à embarcação com nossas próprias mãos e, além disso, para que não houvesse qualquer demora, fornecemos provisões, cada um segundo a sua possibilidade, cortamos as amarras e, já dentro da água, com as mãos do povo, impulsionamos o barco. Dali seguindo com os olhos as velas fugidias, rezamos por um comércio descomplicado, ventos propícios, um mar plácido, como se fôssemos nós mesmos os navegantes.

[6.5] Quem acreditaria nisto em se tratando de gente tão desgraçada? Tudo conseguimos por vontade dos deuses. De fato, só falta isso: que os votos sejam cumpridos por nós no lugar da cidade estrangeira. Em pouco tempo chegou, em pouco tempo comprou, em pouco tempo voltou – para onde bem quis. Para que nos serviu? Uma cidade estrangeira vem antes da nossa e, muito razoavelmente, o tão cuidadoso emissário espera pelo dia marcado. [6.6] Nós, neste tempo, consumimos o gado primeiro arrebanhado nos campos, dilaceramo-lo e não poupamos sequer os bois de arado, de modo que não pudesse ser planejado o mínimo no ano seguinte. Agora ordenamos a fuga dos servos, agora – caídos diante dos batentes dos nossos patriarcas – os pobres morrem enquanto fazem suas preces. Às crianças em prantos, prometemos que o emissário voltaria. Agora cada um preocupa-se tão só consigo mesmo. [6.7] Contudo, mesmo agora, não me queixo de nenhuma dessas coisas por ódio ao emissário: até agora, é a sua primeira viagem, até aqui suportamos os nossos males; é ao que está por vir que o emissário nos entregou como vítimas suplentes. [7.1] Se ainda resta algo em ti de sangue humano, se não te fugiu à mente qualquer consideração pela sorte alheia em meio à fartura tal em que te encontravas, volta os olhos para a decadência da tua terra, volta os olhos para

horum potes ignorare, si quid tibi credimus: fame laborantem ciuitatem uidisti. [7.3] Festina, dum supersunt quibus legationem renunties; festina, dum mori ultimum est, <dum> frumento digni sumus. Quid in nos conuertis etiam alienae ciuitatis famem? Quatenus nobis computandum est, propter te duplum mali tulimus.

[7.4] Tu supra frumentum publicum stertis, et omnes maris circumuectus oras litora portusque cognoscis; tu, inter duas ciuitates fatorum arbiter, alienae conditor, tuae euersor, salutem nostram peregrinis admetiris, et secunda tempestate in patriam ferente contrarios uentos exoptas. [7.5] Nos per arentes effusi campos, morientium herbarum radices uellimus omnes [radices uellimus], eo quidem fortius ut, si fieri possit, in uenenum incidamus subeuntes insolitis cibis. Et sicubi forte uberius paulo pabulum contigit, de pascuis rixa est. Amaros fruticum cortices et ramorum male arentium pallidas frondes decerpimus morbidi; nam quicquid fames coegit, corpus admisit. [7.6] Iam passim moriuntur et pestilentium more pecudum subinde aliquis ex populo in ipsis pascuis procumbit. Crebrior cotidie interitus et latior strages, et – me miserum! – iam fames desinit. [8.1] Quos tester deos? Superosne, quos per tantum nefas fugauimus, an inferos, quos nobis permiscuimus, an nostram malam conscientiam omnia nos ante fecisse, quae nemo praeter nos fecit? Pecora cecidimus, campos

15 Acolhemos aqui a tradução de Stramaglia: “[...] *le nostre forse ormai morte prima di noi*”.

a sua sorte tão cruel. Míseros, te enviamos, te esperam, exangues e pálidos, os teus concidadãos. O que ainda resta de nosso último suspiro deve-se à esperança depositada em ti. [7.2] Imagina esses rostos arruinados, o povo dizimado, as forças nossas já mortas antes de nós.¹⁵ Nem podes ignorar qualquer uma dessas coisas, se algum crédito podemos te dar: tu viste a cidade padecendo pela fome. [7.3] Apressa-te, enquanto sobrevivem aqueles para quem prestarás conta de tua missão; apressa-te, já que morrer é a última opção e ainda somos merecedores dessas provisões. Por que destinaste a nós também a fome de outra cidade? Já que é preciso fazer as contas, por tua culpa sofremos dupla desgraça.

[7.4] Tu dormes sobre as provisões públicas e, tendo percorrido todo esse mar, conheces cada uma das praias e dos portos. Tu, árbitro dos destinos de duas cidades, és defensor da estrangeira, algoz da tua própria. Entregaste a nossa salvação a estrangeiros e, ao passo que um tempo favorável te conduzia à pátria, preferiste os ventos contrários. [7.5] Espalhamo-nos pelos campos secos, arrancando todas as raízes das plantas moribundas; nisso, porém, nos esforçamos para que, se fosse possível, encontrássemos algum veneno, vez que já nos submetíamos a uma comida insólita. E se, alguma vez, acaso encontrou-se um pouco mais de alimento, surgiu também uma briga pelo pasto. Enfermos, arrancamos as cascas amargas dos arbustos e as pálidas folhas dos ramos secos; de fato, tudo aquilo a que a fome nos empurrava, o corpo aceitava. [7.6] Já morre gente em toda parte e – tal qual um rebanho enfermo – de tempos em tempos algum de nós sucumbia nos mesmos pastos. A cada dia, a morte mais frequente e a ruína mais vasta! Pobre de mim! A fome já se cala. [8.1] Quais deuses chamarei como testemunhas? Os súperos, que nós afugentamos com tamanho sacrilégio? Ou os ínferos, com os quais chegamos a nos confundir? Ou a nossa consciência pesada, por nós termos feito primeiro tudo que ninguém fez antes de nós? Massacramos o gado, arruinamos

euolsimus, siluas destruximus; nouissime nihil relictum est, praeter esurientes et mortuos.

[8.2] Si qua est fides, libenter hanc partem accusationis subinde differo: adeo, ubi tantum nefas narrandum est, etiam exigua temporum lucra sectari libet. At necesse est reo indicare, qui a malis publicis afuit, quam multis non ad diem uenerit. [8.3] Ignoscite, dii hominesque, sceleri quidem ultimo, sed tamen quod fecisse miserrimum est. Non habitant una pudor et fames, et cum semel intrarit inpotens domina, feras etiam et ingentes beluas subigit. [8.4] Terram morientes momorderunt. Memetipsum, si nil fuisset aliud, comedissem.

Sed confitendum est: legati beneficio non defuit. [8.5] Postquam omnem patientiam uicerat ignea fames, postquam spes quoque, quae miseris ultima est, omnis abierat, et frumentum totiens sibi frustra promissum animus iam ne cupere quidem audebat, subiit furor et alienatio mentis, et tota sui arbitrii fames facta est. Animus malis deriguerat, os insolitis cibus stupebat, feris inuidere coepimus. [8.6] Primo tamen furtim et intra suas quisque latebras admisit hoc monstrum, et, si paulo citius uenisses, potuisset hoc negari: si quid ex strage corporum defuerat, sepultum putabamus. Nec tamen indicauit quisquam, nec deprehendit aliquis. [8.7] Nemo, ut hoc faceret, exemplo impulsus est; se quisque docuit, omnes scire coepimus postquam omnes fecimus. Quotiens tamen, antequam inciperem, in portum cucurri, quamdiu in altum intentus, si quae essent in conspectu naues, oculos fatigauit! [8.8] Tibi, legate, tempus differre facile est, qui tuam tantum partem non uendidisti. Tu, quem habeas diem, uideris; ego septimum expectare non possum.

os campos, destruímos as matas; por fim nada nos restou além dos famintos e dos mortos.

[8.2] Acreditem, retardaria de bom grado esta parte da presente acusação: vez que, quando é preciso descrever tamanha desumanidade, o jeito é aproveitar todo o tempo possível, mesmo que pouco. Mas é necessário mostrar ao réu, que esteve distante dos males públicos, para quantos ele não chegou na data certa. [8.3] Perdoai, deuses e homens, nosso crime por certo extremo, mas que ainda assim é lastimoso por ter acontecido. Não andam juntos a fome e o pudor, e uma vez que esta cruel senhora tenha se insinuado, subjuga até mesmo as bestas maiores e as mais ferozes. [8.4] Os moribundos mordiam o solo. Teria comido a mim mesmo, se nada houvesse além disso.

Mas é preciso confessar: graças ao emissário, não houve necessidade. [8.5] Depois que a fome ardente tinha vencido toda paciência; depois que mesmo a esperança, que é o último recurso aos miseráveis, tinha de todo se acabado e nossos espíritos já não ousavam mais ansiar por aquelas provisões prometidas a nós tantas vezes e em vão; caiu sobre nós uma fúria e um delírio da mente e a fome começou a tomar decisões por si própria. Nossas mentes ficaram impotentes por causa da nossa desgraça, nossas bocas se entorpeciam com o alimento insólito, começamos a invejar as feras. [8.6] Primeiro, porém, às escondidas, cada um dentro de suas casas incorreu nesta monstruosidade e, se tivesses retornado um pouco mais depressa, se poderia negá-lo: se algum dos cadáveres estava faltando da pilha, acreditávamos ter sido sepultado. Ninguém denunciou o que quer que seja, nem pegou um outro em flagrante. [8.7] Ninguém – para que fizesse isso tudo – foi impellido pelo exemplo: cada um ensinou a si próprio, todos começamos a saber depois de todos já o termos feito. Quantas vezes, porém, antes que eu começasse, quantas vezes corri ao porto! Por quanto tempo fatiguei meus olhos, atento ao horizonte, caso houvesse quaisquer navios à vista! [8.8] Para ti, emissário, prolongar a demora é fácil, tu que só não vendeste a tua própria parte das provisões. Que voltes no dia em que tiveres decidido: eu não posso esperar uma semana.

[9.1] Ergo rabidi supra cadauera incubuimus et clausis oculis, quasi uisus conscientia acerbior esset, tota corpora morsibus consumpsimus. Subit interim horror ex facto et taedium ac detestatio sui et planctus, sed, cum ab infaustis fugimus cibis, urit iterum fames et, quod modo ex ore proiecimus, colligendum est. [9.2] Nunc mihi illa foeda uidentur, nunc abominanda, laceri artus et nudata ossa et abrepta cute intus cauum pectus; nunc occurrunt effusa praecordia et liuidae carnes et expressum dentibus tabum et exhaustae ossibus medullae (quantulum enim corporis fames relinquebat!). [9.3] Nunc illud horreo tempus, si quando aut manus incidit aut facies aut aliquid denique, quod hominem propria nota signat; nunc cibi succurrunt, quos inponere in mensam non ausus sum. Confitendum est enim: deuorauimus homines et quidem auide, qui diu nihil ederamus, et tamen coepisse difficillimum fuit. [9.4] Postquam ius factum est, postquam nemo erat in ciuitate quem confiteri puderet, tum uero iam in posterum prospicimus et funera horreis condimus. Retro aguntur exequiae: aut circa aut ad rogos pugna est. [9.5] Nouum et incredibile, nisi nossemus, monstrum habuimus: sine rogis pestilentiam. Mortium ratio non constitit; perisse ciues scio tantum quia inter uiuentes non uideo. [10.1] Aegri adsidentes timebant et labentem animam <a> supremis domesticorum o<s>culis reducebant. Primo tamen nihil rogabant suos nisi tantum sepulturam. Vt maior urgere necessitas coepit, beneficium factum est expectare, dum moritur. [10.2] Nemo adeo adfinis fuit, nemo tam coniunctus, quem pietas abstineret. Nostros comedimus, nostros, nam si alienos uellemus, nemo [audebat] cedebat.

[9.1] Assim, nos atiramos enlouquecidos para cima dos cadáveres e, de olhos fechados, como se tal visão fosse mais penosa do que a consciência, às dentadas consumimos corpos inteiros. Acomete-nos então um horror pelo que fizemos, uma repugnância e um ódio por nós mesmos, um lamento, mas, no momento em que fugimos daquela comida agourenta, a fome arde outra vez em nós e precisamos recolher o que há pouco cuspimos boca afora. [9.2] Agora, aquilo tudo me parece vergonhoso, ou mesmo abominável, as articulações fendidas, os ossos expostos e a cavidade interna do peito, depois de arrancada a pele. Afiguram-se-me agora as vísceras espalhadas, as carnes azuladas, o sangue podre espremido a cada mordida, a medula sugada dos ossos (quão pouco de fato a fome deixava sobrar de um corpo!). [9.3] Agora, tenho horror àquele momento, quando acaso surgiu uma mão ou um rosto ou qualquer outra coisa, enfim, que distinguisse um homem por seu jeito particular; agora me vem à mente a comida que não ousou pôr à mesa. É, pois, preciso confessar: comemos homens e, de fato, fizemo-lo avidamente, nós que por tanto tempo nada tínhamos comido. Ainda assim, foi difícil começar. [9.4] Depois tornou-se regra, depois não havia ninguém na cidade que tivesse pudor em admiti-lo. Nesse ponto, de fato, já estamos fazendo planos para o futuro e guardamos cadáveres na despensa. Cortejos fúnebres são obrigados a retornar e há disputa pelo corpo antes de chegar-se à pira funerária e mesmo junto dela. O herdeiro faz valer seu direito ao cadáver. [9.5] Se não soubéssemos do que se tratava, teríamos diante de nós um prodígio inaudito e inacreditável: uma peste sem piras funerárias. Não se sabe bem a proporção de mortes; sei que um cidadão morreu só porque não o vejo entre os vivos. [10.1] Os doentes temiam os que os assistiam e recuavam seus espíritos vacilantes ante o último beijo dos familiares. No início, porém, nada pediam aos seus, além de uma sepultura. Quando a necessidade começou a pesar mais forte sobre nós, tornou-se um favor esperar pela morte. [10.2] A ternura não foi capaz de preservar nem os mais próximos por laços de sangue, casamento ou amizade. Foram os nossos que comemos, os nossos, porque se quiséssemos comer estranhos, ninguém ousaria cedê-los.

[10.3] Nihil est quod indignari uelitis; narraui uobis lucrum uestrum: frumentum duplo uendidimus et callidissimus legatus uicinae ciuitati inposuit. Plena nunc horrea, bonae rationes, onustae naues sunt, et, quo magis gaudeamus tanto bono, pauci sumus. [10.4] Nam quod ad temporis excusationem pertinet, nihil est – opinor – quod aestuet: in desertum non incidit populum, nec sane fuit cur festinaret; etiam nunc expectare poteramus, sola est nostra ciuitas, quae fame perire non possit. [10.5] Dissimulaturum me putatis istius patrocina? Confiteor, uenit ad ultimum diem, adtulit frumentum; gratulemur, quod iam nulla ciuitas fame laborat. [10.6] O si uires sufficerent, latera durarent, aliquid ex aridis diu faucibus residuae uocis exiret! Quanta indignatione opus erat, ubi pro omnibus dolendum est! Quodsi si uniuersi qui adsumus proclamemus, haec tota contio in unam uocem consentiat, non esset tamen futura par crimini inuidia: ut omnes accusemus, quota pars queritur! [10.7] Secum quisque reputet quae tulerit, quid admiserit. Plane immanis belua est et non tantum necessitatis causa per nefas pastus, qui, quod comederit hominem, non irascitur. [11.1] Succurrite, dolor et seri uomitus et ultrix paenitentia; ades, longi ieiunii imperiosa necessitas; et uos intus implicatae, si quid potestis, admonete, animae, et a ferali uentre prorumpite, dum commissum nefas deuoto capite expiamus et quasi lustrata urbe feralem uictimam uiolatis manibus mittimus. Decent nos tales hostiae. [11.2] In iudicium perduxi publicum scelus, et infamatae ciuitati quaero uelamentum. Nemo non commisit aliquid; habetis tamen, si uultis, unum et pro omnibus nocentem.

[10.3] Não há motivo para quererdes vos indignar, relatei-vos o ganho vosso: vendemos o alimento em dobro e nosso habilíssimo emissário enganou a cidade vizinha. Agora as despensas estão cheias; as finanças, prósperas; os navios, carregados e, para que mais nos regozijemos com tanta riqueza, somos poucos a nos beneficiarmos. [10.4] De fato, no que diz respeito à desculpa por seu atraso, não há – creio – motivo para se incomodar, a desgraça não sobreveio a um povo depauperado, nem sem dúvida havia por que ele se apressar. Poderíamos ainda agora estar esperando: a nossa cidade é a única que não pode perecer com a fome. [10.5] Julgam que eu passarei por cima das desculpas dele? Reconheço, chegou – no último dia –, trouxe alimento: alegremo-nos, pois já nenhuma cidade padece de fome. [10.6] Ah! Se as forças o permitissem, se meus pulmões pudessem resistir, se me pudesse sair da garganta há tanto seca algum resquício de voz! Quanta indignação seria necessária, quando um só deve lamentar por todos?! Mesmo se berrarmos juntos nós que aqui estamos, se toda essa assembleia concordasse numa só sentença, o ódio não seria equivalente ao crime: ainda que todos nós o acusemos, quão pequena parte de nós se queixa! [10.7] Cada um pense consigo mesmo o que sofreu, o que cometeu. Aquele que não se enfurece porque comeu carne humana é, sem dúvida, uma besta horrenda e não se entregou ao repasto macabro apenas por necessidade. [11.1] Vinde, dor e vômitos tardios e arrependimento vingador. Apresenta-te, poderosa penúria fruto dessa longa fome. E vós encerrados em nossas entranhas, se de algo sois capazes, castigai-nos, espíritos, e arrancai-vos do ventre sepulcral, enquanto expiamos – pela oferta de uma vida humana – o crime de todos nós e, como se purificando a cidade, sacrificamos a lúgubre vítima aos manes violados. Só nos cabem ofertas de sacrifício desse tipo. [11.2] Trouxe ao julgamento o crime público e busco redenção para a cidade difamada. Ninguém há que não cometeu algum mal. Tendes, contudo, se quiserdes, um único a quem culpar e em nome de todos nós.

[11.3] *Rei publicae laesae accuso. Mirari uos certum habeo, cum ciuitas tota consumpta sit, cum populus in se tabuerit, hanc uerbi segnitiam, quo perstricta tantummodo patria et leuiter, quod aiunt, manu offensa intellegi possit; sed ferenda est, ut in ceteris, haec quoque rerum naturae iniuria, quod non tam inmanibus factis paria uerba accommodauit. Et fames nostra fames dicitur, et cibi nostri cibi uocantur, et res publica nunc laesa. [11.4] Nec scilicet nisi peracto legitimo ordine reus non punietur. Omnia, rogo, scrupulose agantur. Videte ut iure irascamur, qui contra ius uiximus. [11.5] Immo etiam, si libet, defensionem audiamus, etiam nunc nos moretur. Neget laesam rem publicam, quia plus quam laesa est. Non enim discussos alicuius operis angulos nec recisas lucorum frondes nec publicarum aedium dispersos parietes obicimus. [11.6] Ac, si uidebitur, adiciet forsitan non esse rem publicam, quae perierit. Id enim superest, ut iam hoc nomen extinctum audiamus! Procedet eo usque fortasse, ut esurisse nos neget. [12.1] Non infitior autem parum proprie hoc legis uerbo nefas istius signari non posse. Maiores enim ne laedi quidem rem publicam impune uoluerunt, ideoque existimo etiam hoc esse comprehensum. Nemo autem uerebatur ne absolui posset crimen lege maius.*

[12.2] *Quid, quod actionem rei publicae laesae temptat in legem male gestae legationis deflectere? Eligit reus crimen, hoc est, noxius crucem optat!*
 [12.3] *Non sustineo, iudices, in tanto animi motu*

16 *A lex laesae rei publicae*, traduzida como “prejuízo ao Estado”, parece mais abstrata do que aquilo que se entende em [11.5]. Outra opção seria traduzi-la por “dano ao patrimônio público”, o que – admitimos – abriria espaço para a defesa da intenção contra o escrito da lei em [12.1].

[11.3] Acuso-o de prejuízo ao Estado.¹⁶ Tenho comigo que, certamente, vos admirais – enquanto a cidade inteira foi devastada, enquanto o povo consumiu a si mesmo – esta minha fraqueza de expressão, do que se poderia depreender que a pátria foi apenas agredida e, como se diz, com leves escoriações. Devemos nos sujeitar, como em outras vezes, a também esta afronta à ordem natural das coisas, vez que não se cunhou palavra apropriada a feitos tão inumanos. Dizem ser fome a nossa “fome”, e chamam de comida a nossa “comida”, e o Estado agora foi só “prejudicado”. [11.4] De fato, nem o réu será punido, a menos que tenha sido concluído o devido processo legal. Tudo, peço, seja levado a cabo com o máximo zelo. Vede que a nossa ira se conforma à lei, nós que tivemos de viver contra a lei. [11.5] Antes, então, se vos apraz, ouçamos sua defesa, já que ele ainda agora nos faz esperar. Que negue ter prejudicado o Estado, porque foi mais do que prejudicado. Não o acusamos por beirais danificados de algum edifício, nem por folhas cortadas das árvores dos bosques sagrados, nem por paredes destruídas de templos públicos. [11.6] E, se bem lhe parecer, acrescentará talvez que não pode subsistir a cidade que tenha perecido. É, pois, o que nos falta, que ouçamos este nome já como extinto! Chegará, quiçá, a tal ponto, que negará termos passado fome. [12.1] Não ignoro que a atrocidade deste indivíduo não possa ser descrita pela letra da lei senão de modo inadequado. Nossos patriarcas, de fato, não desejaram que a menor das ocorrências prejudicasse o Estado impunemente, por isso, creio, também isto foi por eles previsto. Mas ninguém temia que um crime, porque maior do que a lei, pudesse ser absolvido.

[12.2] E digo mais: o emissário ainda tenta enquadrar o processo por dano ao Estado na lei de improbidade no exercício da missão? O réu escolhe como será acusado, ou seja, o criminoso seleciona o

argumenta conquirere, nec impetus irae meae in digitos descendit; hoc tamen scio: non cadit in formulam publicus dolor, nec, si adeo iudicibus, quid passi sint, exciderit, ut has ferant cauillationes non diluentis crimen sed differentis, populus quoque inpunitum nefas sine lapidibus praeteribit. [12.4] Non praescribes. Accusare te male gestae legationis possum? Age porro, si occisos obiecero homines, non tu es causa mortium? Si uiolata sepulcra, non propter te rogos fraudauimus? [12.5] Sed legatus fuisti. Quod tamen ipsum quid est aliud quam rem <publicam> tractare? Rem autem qui male agit, ut arbitrator, laedit. [12.6] An existimas hanc legatis dari peccandi licentiam, ut, quaecumque scelera in eo officio commiserunt, cum his omnibus hac una lege decident? O nimium inuidendam huius legationis condicionem, si tibi et famem remisit et legem! [12.7] Sed errauerim sane, et, quia nullum in foro nostro iudicium fuit, desuetudine ipsa iura exciderint: quomodo legem meam effugis? [13.1] Nam, nisi malis stupeo, duo sunt omnino quae in eiusmodi crimine quaeri soleant: an laesa sit res publica, an ab eo qui arguitur laesa. In quibus si quid tibi fiduciae fuisset, non a criminibus crimina appellares, nec ad alteram poenam transfugeres, sed te ab hac, quae intenditur, tuereris.

[13.2] Dico laesam esse rem publicam. Oratione hic opus est, aut reliquorum more accusatorum hoc nunc mihi quaerendum, quomodo res uerbis adgrauetur? Adeo infirma est calamitatum memoria? Quae si

próprio suplício. [12.3] Não sou capaz, juízes, de reunir argumentos em tamanha perturbação do espírito, nem a gana de minha ira se resigna ao enumerar. Mas sei disto: a dor da cidade não cabe em uma fórmula judicial, e, por sua vez, nem o povo – caso até aqui tenha escapado à memória dos juízes o que sofreram, de tal forma que tolerem esta zombaria de quem não se defende do crime, mas o deturpa – deixará que esta atrocidade fique impune sem um apedrejamento. [12.4] Não pleitearás uma exceção. Posso te acusar por improbidade na missão? Pois bem, se acuso por homicídio, não és tu a causa das mortes? Se acuso por sepulturas violadas, não malogramos as piras por culpa tua? [12.5] Mas foste o emissário. E essa função é o quê senão gerir o Estado? E o que mal o conduz, segundo creio, o prejudica. [12.6] Ou julgas ser dada aos emissários esta licença para transgredir, de modo que, quaisquer crimes que cometeram neste cargo, sejam julgados todos com esta única lei? Ah! Incrivelmente invejável a condição desta tua missão, se te poupou tanto da fome como da lei! [12.7] Mas que eu esteja, então, completamente errado e – porque nenhum julgamento aconteceu em nosso tribunal – as próprias leis tenham se perdido pela falta de prática: de que jeito foges à lei que conclamo? [13.1] De fato, se não estou abalado pelas desgraças, são ao todo dois pontos que costumam ser inquiridos em crimes desta natureza: se houve prejuízo ao Estado e se foi prejudicado por este que é acusado. Quanto a esses pontos, se tivesses alguma confiança em ti, não invocarias um crime no lugar de outro, nem trocarias uma pena por outra, mas te defenderias deste que é dirigido contra ti.

[13.2] Afirmo: o Estado foi prejudicado. Será preciso todo um discurso aqui ou, como fazem outros acusadores, devo agora buscar com quais palavras agravar o caso? Enfraqueceu-se a tal ponto a lembrança de nossa calamidade, esta que, se pudesse se perder,

posset excidere, non tamen narranda uobis, sed ostendenda erat ruina publica. [13.3] Agedum, si uidetur, extra portas prospicite squalida arua et spinis obsitas segetes et semesos arborum truncos. Viduis cultore agris errant a fame nostrae innocentes ferae, inanes uillae sunt et deserta horrea in ruinam procumbunt. Nullus inuersis aratro glebis campus nitet, nullum solum opere renouatur. Iam et in sequentem annum famem timeo. [13.4] Redite in domos uestras: uidebitis noxios focos et ignes tabo cadauerum extinctos et tecta mortibus grauia; cum maxime inferimus in tumulos ossa insepulta, ducimus opertas exequias, et ad sepulturam residua conferuntur, et tandem cadauera igni permittimus. [13.5] Vbi uero uniuersas familias fames extinxit – quae pars maxima est –, inanes domus situm ducunt, iacent relictæ sine herede sarcinae. Inuenitur interim clusa domo conditus dominus, si cuius mors famem euasit, quem rimantes non inuenere proximi, qui inter suos ultimus decessit. [13.6] Quo uos mitto? Ipsam intuemini contionem, unius deficientis speciem tota ciuitas habet: cauum macie caput et conditos penitus oculos et laxam cutem, nudos labris trementibus dentes, rigentem uultum et destitutas genas et inanes faucium sinus; prona ceruix, tergum ossibus inaequale, infernis imaginibus similes, foeda etiam cadauera. Aut si quis talis non est, confiteatur se usque ad saturitatem comedisse. [14.1] Sua quisque consulat misera praecordia, suum uentrem conscientia grauem. Dic nunc, legatæ: ‘Innocens sum,

não vos teria de ser apenas relatada, mas desfilada diante de vós? [13.3] Vamos! Se vos apraz, observai, porta afora, as lavouras esqueléticas, os campos cobertos de espinheiros, os troncos roídos das árvores. As feras, domadas pela nossa fome, vagam pelos campos sem cultivo, as vilas estão vazias e os silos abandonados caem em ruína. Nenhum campo reluz com glebas revolvidas pelo arado, nenhum solo é renovado pela lida. Já receio nova fome para o ano seguinte. [13.4] Retornai às vossas casas: vereis as lareiras também cúmplices, o fogo extinto pelo sangue podre dos cadáveres, as casas prenhes de mortos. Justo quando enterramos os ossos insepultos, celebramos funerais em segredo: os restos são recolhidos junto à sepultura e, enfim, confiamos os cadáveres ao fogo. [13.5] Sem dúvida, onde a fome aniquilou famílias inteiras – a maior parte delas –, as casas apodrecem vazias, os pertences restam abandonados sem um herdeiro. Encontra-se, às vezes, o dono sepultado na própria casa fechada, se seu corpo – que os vizinhos, farejando por comida, não encontraram – escapou à fome, isso caso ele tenha morrido por último entre os seus. [13.6] Aonde vos direciono? Contemplai a própria assembleia, toda a cidade tem a aparência de um só que agoniza: a cabeça encovada pela magreza, os olhos demasiado fundos, a pele frouxa, os dentes nus entre os lábios trêmulos, o rosto enrijecido, as bochechas descarnadas, a garganta vazia; o pescoço inclinado para a frente, as costas anguladas pelos ossos, somos semelhantes a visões do submundo, somos ainda cadáveres repugnantes. Ou, se alguém não está assim, que confesse ter comido até se fartar. [14.1] Cada um consulte as suas vísceras infelizes, o seu ventre cheio de culpa. Diz agora, emissário: “Sou inocente, porque cheguei no dia combinado”. Mas sou eu o culpado por tua causa, porque sobrevivi até aquele dia!

quod ad illum diem ueni.' At ego propter te nocens sum, quod ad illum diem uixi!

[14.2] Quae comparata nobis mala non delicatas lacrimas habent? Aliquem populum hostilis exercitus intra portas coegit; solet uenire ultima obsessis inopia, sed euerti certe licet: uictor captiuum aut occidet aut pascet. Tormenta quidam piratarum tulerunt; felices, quibus contigit innocentia! [14.3] Mors certe finis est, nec saeuitia ultra fata procedit. Aut etiamsi quis adeo hominem exuit, ut ibi poenam quaerat, ubi sensus doloris non inueniat, nempe tamen cadauera feris obiciet. [14.4] Circumdati sunt quidam flammis, ipsa tamen poena habuit sepulturam. Nos incendii cinerem perdidimus, nostra etiam ruina tabuit. Nostra mala nunc latent: non ignis defunctos cremauit, non ferae lacerauerunt, non aues attigerunt, et tamen cadauera mortibus adnumerare non possumus. [14.5] Citra spem conualescendi adflicti sumus, immo etiam citra uotum. Grauior in dies facti paenitentia est, pudet uitae, lucem ac sidera intueri non audeo. [14.6] Cotidie felices mortuos clamo, et malae conscientiae facibus agitatus nihil fortunatius in aeterna sede utcumque compositis puto. Adeo mors placet: iam etiam cibus nostris inuideo! [14.7] Praeterita differo; ipsa ex nimia cupiditate nocet habundantia. Desideratos diu cibos auide haurimos, et lassam famem saturitate strangulamus. Morimur adhuc etiam frumento tuo.

[15.1] Atqui ceterae rei publicae partes, quae sunt ad usum populi comparatae, et leuiore cum damni sensu pereunt et facile remedium accipiunt, cum

[14.2] Que desgraças, comparadas às nossas, nos fariam mais que lacrimejar? Quando algum exército hostil encerra um povo qualquer dentro das portas de sua cidade, inófia extrema costuma afligir os sitiados, mas certamente pode-se desfazê-la: o vencedor ou mata ou o alimenta o cativo. Alguns sofreram a tortura dos piratas: afortunados, pois se conservaram livres de culpa! [14.3] A morte é sem dúvida o fim, nem mesmo a selvageria se estende além da duração da vida. Ou, ainda que alguém se dispa de sua humanidade a tal ponto que busque o suplício quando já não encontra a sensação de dor, tão somente atirárá os cadáveres às feras. [14.4] Alguns foram envoltos em chamas, entretanto, este mesmo suplício lhes serviu de sepultura. Fomos nós que pusemos a perder a cinza da pira funerária, até nossa ruína se consumiu. Nossas desgraças agora estão ocultas: mas o fogo não cremou os defuntos, as feras não os espedaçaram, as aves nem se aproximaram. Contudo, também não podemos contar os corpos dos mortos. [14.5] Fomos arrasados para além da esperança, e mesmo além da vontade de nos reerguermos. O arrependimento é maior a cada dia, a vida me envergonha, não ousa contemplar a luz do sol ou as estrelas. [14.6] Todos os dias clamo “felizes os mortos” e, impelido pelo flagelo da consciência pesada, não considero nada mais ditoso do que aqueles entregues – como quer que seja – à morada eterna. A morte é de todo bem-vinda: agora já invejo a quem comi! [14.7] Deixemos por um momento o passado; agora a própria abundância, por nosso apetite desenfreado, nos faz mal. Engolimos avidamente a comida que por tanto tempo desejamos e sufocamos nossa lânguida fome até a saciedade. Ainda estamos morrendo por causa de tuas provisões.

[15.1] Entretanto, as outras esferas do Estado, que foram instituídas para o uso da população, não só se extinguem com menor sen-

reparari possit amissum: opera restituam, aerarium replebo, naues, arma reficiam. [15.2] Hic uulnus altissime penetrat, hic ipsa uitalia feriuntur, ubi populus ruit, ubi continuis funeribus omnis sexus atque aetas semel sternitur. Exhausta est ciuitas et desolatae domus, triste florentis quondam fortunae indicium laxi muri. [15.3] Quam multi in ciuitate nostra perierint quaeritis? Minima quidem portio est, sed etiam ex hoc intellegi potest: esurienti populo satis fuerunt.

[15.4] Plurimum tamen interest quomodo perierint. Felix pestilentia, felix proeliorum strages, denique omnis mors facilis! Fames aspera uitalia haurit, praecordia carpit, animi tormentum, corporis tabes, magistra peccandi, durissima necessitatum, deformissima malorum. [15.5] Haec ad humile opus nobiles manus mittit, haec alienis pedibus mendicantes prosternit, haec saepe sociorum fidem fregit, haec uenena populis publice dedit, haec in parricidium pios egit. [15.6] Adhuc tamen unum uidebatur remedium, non expectare mortis diem et tabescentem cotidie spiritum superuenientibus malis subducere. Nunc in fame ne mo<rs> quidem mortibus immunis est.

[15.7] At non tua culpa fames coepit; sed uulneratum iugulasti, titubantem strauisti, fumantem incendisti. Ne quid inique faciam, diuidenda sunt mala: primam famem fortunae inputo, ultimam tibi; moram tuam itineribus separo; denique ex eo inopiam tibi obicio,

17 Stramaglia propõe uma alteração do texto de Håkanson (1982) para “nam in fame ne mo<rs> quidem mortibus immunis est,” pois a julga uma sententia “fiacca e generica” e não vê motivo para o plural de *mortibus*. Preferimos não a adotar. Cf. Stramaglia, 2002, 146, nota 163.

sação de dano, mas aceitam uma reparação facilmente, uma vez que o que perdemos pode ser recuperado: reconstruirei os prédios públicos, preencheri o erário, restaurarei nossa frota e nossas tropas. [15.2] Mas a ferida então punge do modo mais profundo, o próprio coração então se parte, quando o povo desmorona, quando – em contínuos funerais – cidadãos de todos os sexos e todas as idades jazem por terra de uma só vez. A cidade foi esvaziada e as casas, destruídas. Os muros caídos são triste lembrança de que a sorte um dia nos sorriu. [15.3] Buscas saber em que número, quantos terão morrido em nossa cidade? De fato, uma porção mínima sobrevive, mas disto pode-se então entender que, para os famintos, houve gente o bastante.

[15.4] É porém de maior interesse como eles morreram. Bendita peste, bendita matança nos combates, toda morte é doce, enfim! A fome escabrosa devora os órgãos vitais, rói vísceras, tormento do espírito, peçonha do corpo, mentora de crimes, a mais árdua das necessidades, o mais sórdido dos males. [15.5] Ela força as mãos nobres ao trabalho mais vil, ela atira os mendicantes aos pés de estranhos, ela muita vez rompeu a confiança dos sócios, ela envenenou a população indiscriminadamente, ela levou os virtuosos ao parricídio. [15.6] Até agora parecia haver um só remédio: não esperar o dia da morte e libertar o espírito que definha a cada dia das desgraças que ocorreram. Pois, na fome, ninguém está imune aos mortos.¹⁷

[15.7] Admito, a fome não começou por tua culpa, mas sacrificaste quem só estava ferido, jogaste no chão quem só cambaleava, puseste fogo em quem só fazia fumaça. Para que eu não aja injustamente, nossas desgraças devem ser divididas: imputo a primeira fome ao destino, a última, a ti, distingo a tua demora da jornada de

ex quo propter te tuli. [15.8] Itaque caritas annonae, rarum frumentum, caedes ac direptio pecorum fuerint fortunae, fuerint anni, fuerint temporum; aliam condicionem habent ciuium mortes et cadauerum dira laceratio et peiores inopia cibi. Haec fames iam tua est!

[16.1] Puta me nihil in praesentia dicere nisi hoc unum: tardius quam potueras uenisti. Nondum tibi obicio duplicata tempora nec remensum totiens mare nec graues ancoras, nondum tantam moram, quanta legationi satis esset. [16.2] Si innocentes essemus, populum septem diebus perdidisses: angustos humani spiritus terminos fames fecit. [16.3] Morimur, deficimus; festina misericors, omnes excipe auras; etiamsi tota secundis flatibus uela tetenderint uenti, tamen remis adiua. Salutem publicam uehis, spiritum populi tui reportas, omnium nostrum in ista classe nauigant animae. [16.4] Iuramus per tuum reditum, effusi per gradus templorum uota suscipimus, tendimus manus – nam quas feriamus hostias non habemus –. Quid spem publicam ad ancoras alligas? Non stat interim dies, et plenis uelis mors uenit. [16.5] Festina, merita tua non conditores aequauerint, non ipsi dii plus praestiterint. Tibi nos, tibi liberos nostros, tibi quicquid homini iocundum est, tibi debemus quicquid uicinae ciuitati praestitisti. [16.6] Non dico illa, quae poteram: ‘Puta caerulus imber in naues ruit, classis inter fluctus latet, nec inter canentes collisarum aquarum spumas uela dinoscimus; egerit ex fundo harenas mare, micant ignes, intonat caelum, scissis rudentibus tempestas sibilat, denique sidus hibernum conditur; tu tamen perseuera: frumentum uehis’. Nihil horum necesse est feliciter nauiganti.

ida e volta. Enfim, te acuso de nossa miséria a partir do momento em que a sofri por causa de ti. [15.8] Deste modo, o preço alto dos mantimentos, o alimento escasso, a mortandade e a pilhagem do gado poderiam estar relacionadas à fortuna, estar relacionadas ao ano, estar relacionadas aos tempos. Têm outra natureza as mortes dos cidadãos, o bárbaro esquartejamento dos cadáveres, a comida pior do que a inanição. Agora, essa fome, ela é tua!

[16.1] Crê que eu não estou dizendo agora nada diferente disso: chegaste mais tarde do que poderias. Ainda não estou te acusando por teres duplicado o teu afastamento nem prolongado o vai-e-vem pelo mar por tanto tempo nem por tuas âncoras pesadas, ainda não, pela tua demora – tanta quanto bastasse à missão. [16.2] Se tivéssemos permanecido sem mácula, terias destruído teu povo em sete dias: a fome tornou estreitos os limites da condição humana. [16.3] Estamos morrendo, extinguiamo-nos. Apressa-te, se tens misericórdia, colhe todas as brisas! Ainda que os ventos estendam as velas com sopros favoráveis, ainda assim ajuda com os remos! Estás transportando a salvação da cidade, estás trazendo de volta a subsistência de teu povo, neste teu barco navega o último suspiro de todos nós. [16.4] Fazemos promessas por teu retorno, espalhados pelos degraus dos templos, dirigimos súplicas aos deuses e estendemos as mãos aos céus – pois não temos o que oferecer em sacrifício. Mas por que atas a esperança da cidade às tuas âncoras? O tempo não te espera nesse ínterim e a morte se aproxima a toda vela. [16.5] Apressa-te! Nossos fundadores não terão se igualado aos teus méritos, os próprios deuses não nos terão sido mais úteis. A ti, nós, a ti, os nossos filhos, a ti, tudo aquilo que alegra ao homem, devemos a ti tudo quanto forneceste à cidade vizinha. [16.6] Não estou dizendo tudo aquilo que poderia: “Imagina que desaba sobre teus navios negra tempestade, a frota se oculta por entre as ondas. Nem mesmo as velas, não as distinguimos em meio às espumas alvas dos choques das águas. O mar vomita as areias de seu fundo, os raios fulgem, o céu retumba, a tempestade sibila pelos cordames que se soltam, por fim o próprio céu de inverno se obscurece. Tu, no entanto, persevera: estás trazendo alimento”. Mas nada disso é necessário a quem navega na bonança.

[16.7] Festina; quererer, si naues commeatu tardasses: dum uelocitatis ratio haberetur, mallet accipere dimidium. [17.1] Non delicati sumus, non luxuriae quaeritur abundantia: unde spiritum sustineamus, unde mortem differamus in praesentia quantulumcumque; si plus opus fuerit, redibis.

[17.2] Siccae fauces sunt, aeger anhelitus os tendit. Iam frustra in sinu parentium liberi plorant, et nondum editi conceptus intra uterum famem sentiunt; iam nemo diues est. Auras captamus et rore uescimur, et iam spirare tormentum est. [17.3] Cotidie uires deficiunt: iam non imus in litus, sed repimus; in editis scopulis populus sedet dum naues expectat, in pascua non redit. Aquas ingredimur, et unus ad te spectantium rictus est, et, cum defecerunt omnia, expirant. Te, te expectantes intentis oculis morimur, in mare mortui cadunt. [17.4] Quotiens sole percussa nubes refulsit, nauem putamus; quotiens fractus uento fluctus incanuit, uela interpretamur. O mobiles miserorum spes: ad unaquaeque solacia ab unoquoque quomodo nutant! [17.5] 'Haec certe nauis est; ecce uela panduntur, propius appellitur et accedendo crescit. Nostra est, suos in utramque partem uentos habuit, nostris uotis gubernati flatus sunt'. [17.6] Haec dicimus, at illa interim transuolat. Fletus inde et desperatio et lucis odium; nihil enim grauius quam destitutae spes torquent. [17.7] Ne interrogare quidem licuit aut quaerere: nemo applicabat. Ergo incerti omnium rerum pependimus, nihil quisquam cognouit. Saltem si scire licuisset ubi frumentum uendidisses: ipsi petissemus! [17.8] Iam quomodo ad singula momenta temporum mutabantur animi! 'Bene est, serenus sol occidit, purus se dies tollit, ad nos uenti ferunt; iam ueniet'. [18.1] Pendet interim fames, et illud, quod iam diu

[16.7] Apressa-te! Eu teria reclamado, se tivesses atrasado teus navios com o peso das provisões: desde que te esforçasses por manter uma velocidade razoável, teria preferido receber a metade. [17.1] Não somos frescos, não buscamos a abundância do luxo, mas um meio de sustermos a vida, um meio de, no momento, prote-larmos um mínimo que seja a morte. Caso precisemos de mais, partirás novamente.

[17.2] As gargantas estão secas, a boca pende aberta com a respiração difícil e molesta. Já choram os filhos em vão no seio dos pais e as crianças ainda não concebidas sentem fome dentro do útero, já ninguém é rico. Tentamos morder a brisa e comer o orvalho, e mesmo respirar é uma tortura. [17.3] A cada dia as forças nos faltam: já não vamos à praia, mas nos arrastamos; o povo se senta nos altos rochedos enquanto espera pelos navios, não retorna aos pastos. Entramos nas águas e, como um só, o povo boquiaberto te espera e, quando faltam todas as forças, expiram. É por ti, por ti que esperamos quando – os olhos fitos no longe – morremos, e no mar se precipitam os mortos. [17.4] Toda vez que uma nuvem refulge, tocada pelo sol, imaginamos um barco; toda vez que uma onda se alveja fendida pelo vento, enxergamos velas. Ah! Inconstantes esperanças dos miseráveis: como vacilam de alívio em alívio! [17.5] “Este é o barco, com certeza! Eis que se estendem as velas, ele chega cada vez mais perto e – aproximando-se – cresce. É nosso! Teve ventos favoráveis em ambas as direções, os sopros foram regidos por nossas preces”. [17.6] Asseveramos isto, e nesse ínterim o barco desaparece. Por isso, as lágrimas e o desespero e o ódio pela vida; porque não há dor mais pesada do que as esperanças desfeitas. [17.7] Não podíamos perguntar ou buscar informações: ninguém aportava. Logo, incertos sobre tudo, nos afligíamos, ninguém sabia de nada. Se ao menos fosse possível saber onde vendeste o alimento: nós mesmos teríamos ido buscar! [17.8] Já os ânimos, como se alteravam minuto a minuto! “Está tudo bem, o sol cai sereno no horizonte, o dia recua límpido, os ventos sopram em nossa direção; chegará logo!” [18.1] Nesse ínterim, a fome pende sobre nós e aquilo que há muito já planeja, ela protela, tão somente para que

cogitat, differt, ita tamen, ut subinde computet quot dies ad mortem supersint. Numquid profecit?

[18.2] Meministis, cum contrarii uenti flare coepissent et in altum fluctus a terra uolarent, quanta conploratio, quanti planctus fuerint: 'Retinebitur, stabit, laborabit!'. At, si diis placet, legatus noster tum maxime bene nauigabat. [18.3] Nos in hac fortuna, in tam graui casu, in eiusmodi cogitationibus sumus; tu sinus maris circuis, et per omnis curuatorum litorum ambitus terram legis. [18.4] Sic fit ut te iuuat diu nauigare: nullus amoenus praetermittitur portus, nulla celebris ciuitas inuisitata transitur. Mentior? Etiam ad esurientis adplicas. [18.5] Dein, si quam tu maris iniuriam queraris, non feram te morantem; quomodo satis accusabo uendentem? Spiritus nostros transcribis, salutem nostram exponis; quae diu inaestimabilis fuit, innocentiam publicam uendis. Frumentum non naufragio perdidimus, non latrocínio: lucro perimus! [18.6] Tempestas quoque aliquam nauem in meum litus impingeret, nec ex classe numerosa omnes fluctus exhausisset. Perit frumentum quia classis uenit in portum! Ita nos alienae ciuitatis legatum misimus, et uilia ac deuota capita uicinatorum deliciis morimur. [18.7] Nobis nihil iam residui spiritus superest, nos in conspectu mortis stamus, nos legatum frumentumque nostrum ore aperto expectamus; classis nostra uecturam facit et uicinarum ciuitatum copias reconducit. Paene a conspectu nostro uela conuersa sunt: quantulo minus quam con<g>esti frumenti puluerem uidimus? [18.8] Tantum iam temporis transiit ex quo pecuniam contulimus, legatum creauimus. Iam dinumeratis temporibus, quae secundi uenti breuiora fecerunt, cotidie spero, et sane prope est. At legatus meus ad emendum modo proficiscitur. [19.1] Tibi ergo tot ciuium mortis inputo, tibi stragem populi, tibi

repetidas vezes calcule quantos dias faltam até a morte. Acaso foi bem-sucedido?

[18.2] Vós vos lembrais, quando os ventos contrários tinham começado a soprar e as ondas corriam da terra para o alto mar, quão profunda foi a tristeza da população, quão copioso seu pranto: “Terá sido retido, teve de parar, estará em perigo?!” Mas, se assim agrada aos deuses, navegava então nas melhores condições. [18.3] Nós estamos neste estado, em tão grave desgraça, em conjecturas deste tipo; tu percorres as baías do Mediterrâneo e bordejas pela costa em todo o âmbito de suas praias sinuosas. [18.4] Acontece que estas longas viagens te deleitam: de nenhum porto vistoso te esqueces, nenhuma cidade ilustre fica sem tua visita. Minto? Atracas até nos portos de quem também passa fome. [18.5] Se então te queixasses de um rigor excessivo do mar, não toleraria que te atrasasses; como te acusarei satisfatoriamente, tu que mercadejavas? Ofereces como se tuas as nossas vidas, pões à venda a nossa saúde; o que outrora foi inestimável, vendes: a virtude da população. Não perdemos as provisões num naufrágio, nem pela pirataria: perdemo-nos pelo lucro. [18.6] Uma tempestade ao menos teria jogado algum barco contra minhas praias, as ondas não teriam sido capazes de engolir tudo de frota tão numerosa. As provisões se perderam porque nossa frota chegou a um porto! Assim, enviamos um emissário – em prol de uma cidade estrangeira – e morremos, sacrifícios vis dedicados à ventura dos vizinhos. [18.7] Já não há nada mais do que restava de nosso espírito, nós estamos face a face com a morte, esperamos boquiabertos o emissário e as nossas provisões; a nossa frota, enquanto isso, transporta mercadorias e em viagem extra carrega os mantimentos das cidades vizinhas. As velas deram a volta quase debaixo de nossos olhos: por quão pouco não vimos a poeira das provisões amontoadas! [18.8] Tanto tempo já se passou desde quando juntamos o dinheiro, elegemos o emissário. Já tendo calculado o tempo de viagem, que os ventos favoráveis abreviaram, tenho esperanças diariamente e, é bem verdade, está próximo. Mas meu emissário, naquele instante, vai

liberum parentumque miserrimas poenas, tibi quicquid passi sumus, tibi – quod grauius est – quicquid fecimus. [19.2] Et scilicet speras ut tantam sceleris inuidiam ab animis nostris duplae pecuniae strepitus auertat? Nescis quam multa uendideris. [19.3] ‘Duplo uendidi’. Ita infelicitas mea cocionanti tibi lenocinata est: ‘Quod fame perire ciues meos patior, quod, ut uestram ciuitatem seruem, meam euerto, quod a tam uicinis litoribus classem torqueo, quod ad diem redire non possum, quod pretium constituitis, quid occultum datis? Duplum? Patrocinio meo quantulum lucror!’. [19.4] At nos inepti ac uesani de fame querebamus, grauis nobis inopia, intolerabilis et misera accersita mors uidebatur. Non agimus gratias industriae legati? Res publica nostra locupletior perit. [19.5] Sacrosanctus mercator oportunum, opinor, inuenit mercis exactum. Miror hercules, si tam bene negotium gesseras, quomodo nobis pecuniam non retuleris. [19.6] ‘Duplo uendidi.’ Decepisti uicinam ciuitatem, circumscripsisti; itaque queritur? [19.7] ‘Duplo uendidi’. Hoc enim unum supererat, ut deuctum tantidem uenderes! Habita est itineris ratio, habita usurarum. Ego uero malo quod tam magno uendidisti; apparet enim te nihil coactum.

[19.8] Sed si semel ponis hastam salutis, si redemptores uitae admittis, et nos admone: melius uendis. Nos quicquid in domibus habemus, quicquid in templis, quicquid ciuitas suum uocat, congerere parati sumus. [19.9] Frumentum pecunia

18 É um dos dois *hapax legomena* da declamação, junto de *exactus* em [19.5]. Em Lewis & Short (1879), *cōcīōnor, āri*, v. dep. id., I. ser um corretor, Quint. *Decl.* 12, 21 dub. Em Saraiva (2006), *cocionor, aris, atus sum, ari*, v. dep. (de *cocio*). Quint. Fazer corretagem, exercer o ofício de corretor.

às compras. [19.1] Logo, atribuo a ti a morte de tantos cidadãos, a ti, a ruína do povo, a ti, os sofrimentos deploráveis de pais e filhos, atribuo a ti tudo quanto sofremos, a ti – o que é mais grave – tudo o que fizemos. [19.2] E realmente esperas que o tinir do dobro de moedas afaste de nossa mente o ódio enorme pelo teu crime? Ignoras os bens que vendeste. [19.3] “Vendi pelo dobro”. Assim prostitui-se a minha desgraça, escrava de teus escambos:¹⁸ “como tolero que meus concidadãos padeçam de fome, como, para que sirva a vossa cidade, viro as costas à minha, como afasto a frota de praias tão próximas, como não posso voltar no dia previsto, como fostes vós a estabelecer o preço, o que me dais por debaixo dos panos? O dobro? Ganho tão pouco para minha defesa!” [19.4] Mas nós, tolos e insensatos, nos queixávamos da fome e era preferível o suicídio à pesada inópia, intolerável e desgraçada. Não agradecemos pelos esforços do emissário? O nosso estado, tão rico, arruinou-se. [19.5] Nosso augusto comerciante encontrou, acho, um mercado vantajoso. Por Hércules, se tinhas conduzido tão bem o negócio, como não trouxeste também o dinheiro de volta? [19.6] “Vendi pelo dobro”. Enganaste a cidade vizinha, a iludiste; parece-te que se queixa? [19.7] “Vendi pelo dobro”. Só faltava essa, que vendesses a tua carga pelo mesmo preço que pagaste! Levou-se em conta o custo da viagem, também os lucros. Eu mesmo, na verdade, prefiro que tenhas vendido por tanto mais; assim fica evidente que não foste, de modo algum, forçado a fazê-lo.

[19.8] Mas, se pões a leilão nossa saúde, se atendes compradores de nossa vida, ao menos nos lembra: tu vendes pelo melhor preço. Nós estamos dispostos a juntar tudo que temos dentro de casa, tudo nos templos, tudo que a cidade chama de seu. [19.9] Damos, para cada grão, uma moeda, adjudicamos nossa liberdade, entregamos as fronteiras da cidade. É possível que uma cidade vizi-

remetitur, libertatem nostram addicimus, fines publicos tradimus. Omnia licet eadem uicina ciuitas polliceatur, plus non potest. [20.1] Prosit mihi quod apud negotiatores solet: in antecessus dedi. Triplum, quadruplum, quantum poposceris accipe, et illa pecunia frumentum licet uicinis adferas. [20.2] Si nobis nihil de commeatu nostro partiris, nos uicinae ciuitati uendemus; liceat seruire, ubi frumentum est. Non exigua res est: pro uita, pro sepultura, pro innocentia licemur. Non potest hic commeatus tam care emi quam expectari.

[20.3] 'Sed nisi uendidissem' inquit 'fame laboranti ciuitati, timui ne raperet'. Et ita utique occupare uoluisti, ut nobis iniuriam tu potissimum faceres? Multum mehercules uos fallit opinio, iudices, si ullam causam ita euidentem deferri posse in forum putatis, cui nulla ne mendacii quidem uelamenta contingant. [20.4] Opinione sua defenditur, et, quae res minime coargui potest, utitur se teste. Ne nos periremus non timuisti, ne repetiti commeatus post diem nostrae mortis applicarentur non timuisti. [20.5] Nostris certe malis quamquam nihil poterat accidere inopinatum, tamen inter metus tempestatiuum et ancipites incerti maris casus, confiteor, ne frumentum salua classe perderemus non timuimus. [20.6] Non dico: 'Vt maxima uis parata sit, ut more inmanis latrocinii turba raptorum litus premat, uel repugna uel fuge uel roga, incensurum naues depressurumque minitare. Potius quam totum frumentum utique populo pereat, partire uel gratis, dum nobis aliquid,

na ofereça todas essas coisas, mas não pode oferecer mais. [20.1] Valha-me o que se passa com os comerciantes: paguei adiantado. O triplo, o quádruplo, recebe quanto exigires e, com este dinheiro, podes fornecer alimento aos vizinhos. [20.2] Se nada partilhas conosco de nossas provisões, venderemos a nós mesmos para a cidade vizinha: é preferível sermos escravos onde ao menos há alimento. Não é coisa pouca: negociamos por nossa vida, por nossa sepultura, por nossa dignidade. Não podem estas provisões custar tão caro para comprar quanto nos custa para esperar.

[20.3] “Mas se não as tivesse vendido”, dizes, “à cidade faminta, temia que as tomasse à força”. E assim, é claro, quiseste te adiantar, para que fosses tu a primeiro nos causar tal prejuízo? Por Hércules, a opinião muito vos engana, juízes, se considerais que alguma causa assim evidente poderia ser apresentada em julgamento sem ser velada por mentiras. [20.4] Ele se defende com a sua própria opinião e – coisa que muito dificilmente se pode refutar – toma a si mesmo como testemunha. Não temeste que nós morrêssemos, não temeste que as provisões recompradas chegassem depois do dia de nossa morte. [20.5] Ainda que, em nossos males, é certo, nada pudesse acontecer de surpreendente, mesmo assim, entre o medo das tempestades e os frêmitos ambíguos do mar incerto, confesso, não temíamos que perdêssemos nosso alimento com a frota intacta. [20.6] Não digo: “Mesmo que formada uma potentíssima força militar, mesmo que uma turba de ladrões – semelhante aos temíveis piratas – oculte sob si a praia: resiste, foge ou suplica, ameaça incendiar ou afundar os barcos. Antes que percas decerto todo o alimento da população, melhor com eles partilhar de graça, ao menos nos trazes algo com que respiremos aliviados”. [20.7] Deixa que a última das desgraças aconteça: sermos pilhados. A fortuna faça o que quiser, um emissário não deve fugir ao seu dever. [21.1]

quo respiremus adferas'. [20.7] Illud quo certe nihil asperius accideret, rapi, patere; faciat fortuna quod uoluerit, legatus a praecepto non recedat. [21.1] Refer nobis saltem iniuriam nostram, mitte nuntios; ira famem differemus, rapiemus furentes arma et se in obsidionem ciuitatis inimicae sine dilectu populus effundet. [21.2] Vastabo interim fines: hoc est, per aliena prata pascar; si qua in uillis deprehendero pecora, diripiam. Bellum me alet. [21.3] Citius ad frumentum perueniemus, quam tu cum frumento redibis. Adiuuabunt pugnantes iusta sacramenta. Si contigerit aequum fortunae iudicium, non meos tantum commeatus recipiam; si minus, certe dabitur bene mori. [21.4] Liceat et manum conserere, in acie[m] confligere: condant se postea licet muris, in longius obsidio eat, interim certe hostium potius cadaueribus uiuemus.

[21.5] Sed nulla uis fuit, nulla exterior iniuria; tuum certe commeatum nemo rapuit. Iure miseri sumus et ex stipulatu legati nostri perimus. Vendidit quantum uoluit quanti uoluit, et, ut hoc ad nostras accederet moras, fortasse diu cocionatus est. [21.6] Omnis cum fide persoluta pecunia est. Hoc qui colligo? Qui quanti uoluit uendit, iudices, potest non uendere. [21.7] Nam, per fidem, si rapere alienum frumentum et possunt et uolunt, quid ita duplam pecuniam soluunt? Nam quomodo in magna inopia quicquid emi potest uile est, ita, cum possis habere gratuitum, duplo carum est.

Ao menos nos informa de nosso prejuízo, manda mensageiros. Afastamos a fome com a ira, furiosos pegaremos em armas e a população, sem recrutamento, derramar-se-á em cerco à cidade inimiga. [21.2] Devastarei neste íterim as cercanias, isto é, pastarei em prados alheios; encontrando algum rebanho nos campos, tomá-lo-ei. A guerra me sustentará. [21.3] Mais rápido chegaremos ao alimento do que tu retornarás com ele. As justas motivações serão favoráveis enquanto se luta. Se o juízo da fortuna for propício, recuperarei não apenas as minhas provisões; se não, certamente será permitido morrer em paz. [21.4] Lutemos corpo a corpo, e combatamos com armas: é possível que depois se escondam atrás dos seus muros, que vá longe o cerco, neste íterim, decerto, viveremos – é preferível – dos cadáveres do inimigo.

[21.5] Mas não houve coerção alguma, prejuízo estrangeiro algum; ninguém, é certo, tomou tuas provisões. Desgraçamo-nos em conformidade com a lei e perecemos devido aos acordos de nosso emissário. Vendeu quanto quis por quanto quis e, para que prolongasse a nossa espera, quem sabe ainda negociou por um bom tempo. [21.6] O dinheiro todo foi pago de boa fé. O que concluo a partir disso? Quem vende por quanto quer, juízes, pode também não vender. [21.7] Vejam, pois, se tanto podem quanto querem tomar à força o alimento alheio, por que então pagaram o dobro do preço? Pois, assim como, em grande inófia, tudo aquilo que se pode comprar é barato, do mesmo modo, quando podes ter de graça, é duplamente caro.

[21.8] Sed mihi credite: color iste patrocini est et diu in saturo otio cogitata defensio. Non potest similis usquam fames fuisse. [22.1] Nos graue huius anni sidus adflauit, nostrum hoc fatum fuit, quos non tantum sata sed etiam empta fallunt, qui nostra pecunia, nostra classe, nostro legato, nostro uento, felicissimo cursu commeatum tamen perdidimus. Nos a frumento longius sumus, ad illam ciuitatem potuit frequenter accedere negotiator, saepius adplicari onusta classis. [22.2] Itaque non misere legatos, nullus illis commeatus longius petendus fuit. Quod felicissima annona, affluentibus copiis, fortunatis opibus contigit, nihil emerunt nisi deuctum. [22.3] Quare nulla causa istius, quem fingis, metus fuit, nulla utique uis. Forum legisti, et, quia adhuc supererat tempus, obiter negotiatus es.

[22.4] 'Rapturos putauí'. Quid dicis, scelerate? Et cum hoc timeres, adplicabas? Onustus uiator apud latrones hospitaris, commeatum publicum in scopulos annonae inpingis, et plenae frumento classis ancoras ad famem ducis? on praecidis medium mare, non uelut inhospitales Syrtis aut uoracem Charybdim praeteruehens tota in fugam uela torquebis? [22.5] Nusquam est periculosius legationis tuae naufragium: tu, ut cogi posses, tu, ut auferri frumentum posset, effecisti. Tantum habituri sumus quantum reliquerit pudor esurientium. [22.6] Quid te duplo frumentum iactas uendidisse? Potuerunt nihil soluere; quod refers, alienum beneficium est.

[21.8] Mas crede-me, isso é só verniz retórico, uma defesa planejada há muito na saciedade e no ócio. Não pode ter havido fome parecida em qualquer outro lugar. [22.1] Influenciaram-nos cruelmente os astros daquele ano e foi este o nosso destino: não só o que semeamos, mas também o que compramos nos falhou, porque, com nosso dinheiro, nossa frota, nosso emissário, nossos ventos e mesmo com viagem tão bem-sucedida, ainda assim perdemos as provisões. Nós estamos mais distantes do alimento; o negociante pôde aproximar-se com frequência daquela cidade, pôde aportar sua frota carregada várias vezes. [22.2] Assim, não mandaram emissários, não tiveram de ir buscar mais longe provisão alguma. Já que tinham a mais venturosa colheita, profusão de bens, prosperidade de recursos, nada compraram senão o que foi trazido até eles. [22.3] Pelo que não houve causa para este medo que inventas, não houve coerção absolutamente. Escolheste a praça para teu mercado e, porque até ali ainda sobrava tempo, fizeste outros negócios no caminho.

[22.4] “Achei que iriam me roubar”. O que dizes, desgraçado? E temendo isso, tu aportavas? Onusto viajante, te hospedas junto a ladrões, lanças as provisões públicas aos rochedos da carestia e levas direto para a fome as âncoras da frota carregada de alimento? Não cortas caminho pelo mar aberto, não ajustarás todas as velas, como se passasses por Sirte inóspita e Caríbdis voraz? [22.5] Em nenhum lugar é mais perigoso o naufrágio de tua missão: tu te esforçaste para que pudesses cair nas garras de estranhos, tu te esforçaste para que o alimento pudesse ser pilhado. Só teremos quanto a decência dos famintos nos tiver deixado. [22.6] Por que te gabas de ter vendido o alimento pelo dobro? Puderam nada pagar, o que trazes de volta é generosidade alheia.

[22.7] Alterum confingitur hoc loco mendacium: 'Tempestate' inquit 'appulsus sum'. Ita plane: infelix nauigator es, et cuius uotis aurae non respondeant. [23.1] Nescimus te duplo melius nauigasse quam speraueramus, nescimus singulis com meatibus bina itinera confecta, nescimus in una legatione uentos quater secundos? Sat erat uerbo negare quod uerbo ponitur. [23.2] Remoue hanc spem eludendae mendacio ciuitatis. Quo damno probas tempestatem, quid amisisti? Frumentum certe totum uenit in portum, nec laborasse, tamquam nimium onustas, naues simulaueris: duplum adferre poterant. [23.3] Non uexata armamenta turbatosque funes aut scissos uelorum sinus quereris; classis statim exiit et, quod magnum integrae signum est, cito redit. [23.4] Porro tempestatas in unum agebat angulum: nihil potuerunt obliquata uela deflectere? Non potes ultra procedere: citra applica. Effuge raptos, effuge non dimissuros. Si aliud fieri non potest, cum tempestate decide, naufragio in desertum litus impinge. [23.5] Quid deuitata procella prodest, quid subducta nubium minis classis? In portu naufragium fecimus, et frumentum ad ancoras perdidimus.

[23.6] 'Ego uero' inquit 'attuli, et quidem duplum'. O nos felices! Rumpamus saturitate praecordia, pascamur in praeteritum, et famem cruditate

19 Em Sussman (1987, 160): "[...] it returned quickly"; em Warr (1696, 312): "[...] it made a quick return"; em Stramaglia (2002, 77): "*ha fatto ritorno velocemente*". Por que se diria isso quando toda a argumentação afirma que ele chegou tarde? Ainda que, lembre-se, o problema foi não ter voltado à pátria mais depressa, sempre se diz – como se fará a seguir – que o emissário chegou tarde? Partiu prontamen-

[22.7] Aqui inventa-se outra mentira, diz: “Fui levado a ancorar pela tempestade”. Mas é claro, és um navegante azarado, a cujas preces as brisas não respondem. [23.1] Ignoramos que navegaste duas vezes melhor do que esperáramos, ignoramos que foram feitas duas viagens com as provisões de uma, ignoramos que em uma única missão foram os ventos propícios por quatro vezes? O que se alega apenas com palavras, basta palavras para negar. [23.2] Afasta essa tua esperança de enganar a cidade com mentiras. Com que dano comprovas essa tempestade? O que perdeste? O alimento todo chegou ao porto, sem dúvida, e nem fingiste que os navios se desgastaram pelo excesso de carga: puderam transportar o dobro. [23.3] Não te queixaste das armações danificadas e das cordas rompidas ou dos bojos rasgados das velas; a frota partiu de pronto e, o que é grande sinal de bom estado, rapidamente fez nova viagem.¹⁹ [23.4] Além disso, a tempestade soprava em uma só direção: as velas oblíquas nada puderam evitar? Não podes ir para além deste porto, então atraca antes. Evita os ladrões, evita os que não te deixarão partir. Se nada diferente pode ser feito, curva-te à tempestade, lança-te contra uma praia deserta para naufragar. [23.5] De que nos serve esta tempestade evitada, de quê, a frota livre da ameaça das nuvens? No porto, naufragamos, e ancorados, perdemos o alimento.

[23.6] “Eu realmente trouxe a comida” dizes “e, a bem da verdade, o dobro”. Ah! Que sorte a nossa! Arreentemos as vísceras com tanta fartura, vamos nos empanturrar em retrospecto e compensar a fome com a indigestão! [23.7] Trouxeste alimento?! E o que dizer

te da cidade estrangeira rumo à pátria? Parece estranho que se atribua ao sempre moroso emissário uma repentina celeridade. Partiu prontamente da terceira cidade, em que vendera as provisões pelo dobro, rumo à segunda, em que comprara as primeiras provisões e adquirira dupla quantidade? A expressão é ambígua.

pensemus! [23.7] Frumentum attulisti? Quid, quod medicina mortuorum sera est? Quid, quod nemo aquas infundet in cinerem? Quid, quod extincto populo etiam nouendialis tarde uenit? Quid, quod iam ego frumentum non desidero? Naufrago tabulam abstulisti, mortuo adplicas nauem. [23.8] Duplum est? Infunde in sepulcra et admetire tumulis! Ibi sunt, qui mandauerunt. [23.9] Quid aliud effecisti adferendo frumentum quam ut nos, quod adhuc fecimus, paeniteret? Nunc me magis pudet, nunc cibos meos obiurgo: potui heri non comedisse. [24.1] O nefas, in quo me scelere commeatus deprehendit! Sicine paria fecimus: adhuc nihil habuimus, sed nunc licet reponamus? Quis autem umquam pensabit necessaria superuacuis? [24.2] Duplum attulisti: sed illis qui perierunt nihil, sed non possumus iam non fecisse quod fecimus, sed plerumque sera pro nullis sunt et temporum ista momentis aut pretiosa fiunt aut uilia. [24.3] Vis scire quantum inter hoc tempus et illud intersit? Tempta igitur forum tuum: totum hoc non potes dimidio uendere.

[24.4] Superest adhuc unum patrocinium, in quo spes omnis profligatae causae consistat: 'Ad diem ueni'. Stare hoc certe, iudices, iam ferri non potest, exundat altius dolor. [24.5] Pudorem publicum quamuis proiectum et iam olim sepultum hucusque protrahis? Cur non expectauimus, cur famem non ad constitutum distulimus, cur ad tantum nefas accessimus? [24.6] In hac lance publica causa, iudices, pendet: aut iste tarde fecit aut nos cito. Hoc uidelicet

além de que o socorro para os que morreram está atrasado? E o que dizer além de que ninguém joga água sobre as cinzas? E o que dizer além de que, para a população destruída, até o novendial chegou tarde? E o que dizer além de que eu já não quero alimento? Tiraste a tábua debaixo do naufrago, e agora trazes um navio para junto do morto. [23.8] É o dobro?! Enfia nas sepulturas e dá a cada túmulo a parte que lhe cabe! Estão ali os que te enviaram. [23.9] O que conseguiste trazendo alimento senão que nos arrependêssemos do que fizemos até aqui? Agora me envergonho ainda mais, agora condeno minhas refeições: poderia ontem não ter comido. [24.1] Que absurdo! Em que crime me encontram as provisões! E acaso assim estamos acertados? Até aqui nada tivemos, mas agora é possível restituirmo-nos? Quem, no entanto, alguma vez compensará necessidades com futilidades? [24.2] Trouxeste o dobro: mas nada aos que pereceram; mas já não podemos não ter feito o que fizemos; mas as coisas que chegam tarde no mais das vezes valem tanto quanto se não chegassem e num instante se tornam preciosas ou sem valor. [24.3] Queres saber quão diferentes são este tempo e aquele? Testa então o teu mercado: não consegues vender tudo isto pela metade do preço.

[24.4] Resta até aqui uma só desculpa à qual se agarre toda a esperança dessa causa perdida: “Cheguei no dia combinado”. Não é possível, é certo, juízes, que isto consiga se sustentar, a dor irrompe mais profunda. [24.5] Arrastas até aqui, por quanto te apraz, a proibidade, abandonada e já há tempo sepulta, de teu povo? Por que não esperamos, por que adiamos a fome até o dia marcado, por que nos permitimos tamanha atrocidade? [24.6] Desta balança depende a nossa causa: ou este aí se atrasou ou nós nos precipitamos. Previste isto, é evidente, e, para que ter voltado antes da hora não desabonasse tua missão, desperdiçaste tempo de propósito. A

exspectasti, et, ne captiosum esset officio tuo maturius redisse, ex industria tempus triuisti. Non tempestas in causa fuit, non uis ulla uicinae ciuitatis; una ratione moratus es: nondum erat tempus. [24.7] Adeone nobis miseriae publicae exciderunt, adeo insperato frumento obstipuimus, ut haec audienda sint? Vltimum omnis memoriae reum una uox innocentem facit? Populatorem euersoremque ciuitatis nisi ad supremum damnabo, absoluatur: publicus reus redit.

[25.1] 'Illum' respondet 'diem dedimus'. Tu tamen, si interpellatus tempestatibus serius uenisses, excusares mare et ambiguos flatus, et tibi bonam causam habere uidereris cum diceres: 'Ante non potui'. [25.2] Et nos hoc cogitauimus, his casibus ampliauimus tempus. Nos illum tibi diem dedimus, sed quid attinet? Citius emisti quam sperauimus, supra uotum nostrum nauigasti, ad proximum litus mature classis adplicata est. [25.3] Ego tibi possum satis irasci? Felicitatem nostram perdidisti! Ergo, quantum in te <est>, tempus consumptum [est] dies excessit; peius pati nihil possumus, sed pessima diu patimur. [25.4] Inputas nobis propitios uentos et secundum mare et ciuitatis opulentiae liberalitatem, quae tantum frumenti uendidit, quantum duobus populis satis esset; quantumlibet uelocitate tua glorieris, computa, si placet, quando primum conterminos portus onusta classe deprehenderis: quam tarde a uicina ciuitate uenisti!

20 Aqui repete-se o que foi afirmado em [12.3]: a justiça será feita pelas mãos do povo na ocasião de uma absolvição pelos juizes.

culpa não foi de uma tempestade, nem de alguma coerção por parte da cidade vizinha; te atrasaste por uma única razão: ainda não era tempo de voltar. [24.7] A tal ponto nos esquecemos de nossas misérias, a tal ponto nos admiramos com este alimento inesperado, que precisamos ouvir essas coisas? Uma única afirmação inocenta o pior réu de toda a história conhecida? Se não condeno este saqueador e algoz da cidade à pena máxima, que seja absolvido: tornará a ser réu, agora do povo.²⁰

[25.1] “Estabelecemos”, responde, “aquela data”. No entanto, se, interceptado por tempestades, tu tivesses chegado mais tarde, escusar-te-ias, alegando o mar e os ventos inconstantes e parecerias ter um bom motivo quando disseses: “Não pude chegar antes”. [25.2] Nós também pensamos nisso e por causa dessas eventualidades, nós estendemos o prazo. Nós te demos aquela data, mas o que importa? Compraste antes do que previmos, navegaste acima de nossas expectativas e a frota se acercou da praia vizinha a tempo. [25.3] Eu posso te odiar o bastante? Arruinaste a nossa ventura! Logo, no que te concerne, o tempo desperdiçado excedeu o prazo; sim, nada podemos sofrer de pior, mas durante muito tempo passamos as piores desgraças. [25.4] Gaba-te para nós dos ventos propícios, do mar favorável e da generosidade desta rica cidade que vendeu tanto alimento quanto bastasse para o dobro de gente. Vangloria-te o quanto quiseses de tua celeridade, mas calcula, por gentileza, o momento em que aportaste pela primeira vez com tua frota carregada: quão tardiamente partiste da cidade vizinha!

[25.5] At etiam, si dis placet, animo defenditur, et quam causam uexandae ciuitatis habuerit quaerit. Istud ego interrogare debueram. Non ubique, iudices, morandum est: alioquin, si quid requirere uellem, multa occurrissent. [25.6] Solent enim negotiatores praeter haec aperta pretia priuatum aliquid ac proprium stipulari, utique cum alienam rem uendunt. Potest fieri ut primo lucrari uoluerit pretium, serius deinde subuenerit reddendae rationis dicendaeque causae cogitatio. Veniit fortasse frumentum lucro, redemptum est patrocínio. [25.7] Potest fieri ut aliquam gratiam sperauerit a ciuitate seruata; occulta quaedam in ciuitate sua odia, quae plerumque ex inanibus causis oboriuntur, habuerit. [26.1] Multa succurrunt, sed si qua est, iudices, dicenti fides, ego nihil inuidiosius reputo quam quod ciuitatem suam sine causa perdidit.

[26.2] Quaecumque ratio, quodcumque propositum fuit, audi quae passi sumus postquam redire potuisti. Transeo tormenta nostrae inopiae, maciem corporis, uulsos terra dstrictosque ramis cibos, quod aris altaria non inposuimus, quod populus corporibus suis uias strauit, quod mendicus quem rogaret non habuit. Non obiciam tibi famem. [26.3] O tristis recordatio, o tormentis omnibus conscientia grauior, rumpe ferreum pectus, et ardentia scelera uiuentisque intus epulas excute! Luctantur intra uiscera animae, et uterum funeribus grauidum in os agunt. [26.4] Credibiles fabulas fecimus, felices miserias, scelera innocentia. Omnes quascumque

21 Lit., se aos deuses é aceitável.

[25.5] Mas ele ainda se defende, por incrível que pareça,²¹ com sua intenção e pergunta que motivo teria para devastar a cidade. Devia ser eu a perguntá-lo. Não devemos nos demorar, juízes, em todo e qualquer pormenor: além do que, caso eu quisesse buscar alguma motivação, muitas teriam se apresentado. [25.6] De fato, os negociantes costumam estipular, além do preço declarado, alguma porcentagem para si mesmos, sempre que vendem a propriedade alheia. Pode acontecer que primeiro quisesse lucrar essa quantia, mais tarde então lhe ocorreu um esquema para prestar contas e defender a sua causa. O alimento provavelmente chegou ao porto vizinho para seu ganho, foi readquirido para sua defesa. [25.7] Pode acontecer que esperasse alguma recompensa por parte da cidade que ajudou; ou nutrisse contra sua cidade, oculto, algum ódio, o que no mais das vezes surge por motivos fúteis. [26.1] Muitas possibilidades me ocorrem, mas se tendes alguma confiança neste que vos fala, juízes, eu mesmo nada lhe imputo mais odioso do que ter arruinado a própria cidade sem motivo.

[26.2] Seja lá qual foi a razão, seja lá com qual objetivo, escuta o que sofremos depois daquele momento em que teu retorno se fez possível. Não falarei dos tormentos de nossa inópia, da magreza do corpo, da comida arrancada da terra e colhida dos galhos, que não pusemos ofertas nos altares, que o povo cobriu as ruas com seus corpos, que o mendigo não teve a quem pedir. Não te acusarei dessa fome.²² [26.3] Ah, triste lembrança! Ah, consciência mais pesada que todos os tormentos! Rompe este ventre de ferro, arranca os crimes que ainda queimam e o festim que ainda vive dentro de nós. As almas se reviram dentro das vísceras e levam à boca o ventre, prenhe de mortos. [26.4] Tornamos críveis as fábulas, felizes as desgraças, os crimes irrepreensíveis. Todas as desgraças, quaisquer que sejam, que a fama divulgou, busquem

22 Como dito em [15.7], a desgraça sofrida pode ser dividida em duas, uma cuja culpa caberia “à fortuna, ao ano, aos tempos” e uma segunda de responsabilidade do emissário.

clades fama uulgauit, solacia hinc petant: hinc audient occisos sine sanguine, sepultos sine ignibus <homines hominibus> cibos. [26.5] Si quis mentitus est Cyclopas, Laestrygonas, Sphingas aut inguinibus uirginis latratum Siciliae litus et quaecumque miser didici domi com<m>it<t>e<n>s, [quaere] hinc argumentum, hinc fidem accipiant. [26.6] Quaedam plane falsa sunt: sol in ortus non occidit, nec ad humanorum uiscerum epulas diem uertit; uidit nos funeribus pastos et ad euiscerata corpora inluxit. Publice monstra commissa sunt, et inexpiabile nefas uno ore ciuitas fecit.

[26.7] Poenis nostris iam ne fames quidem satis est. Hoc non immanes ferae faciunt, et quamuis sensu careant muta animalia, pleraque tamen innocentibus cibis uescuntur, utique quae consuerunt inter homines. [27.1] Etiam si qua alienis membris inprimunt dentem, mutuo tamen laniatu abstinent, nec est ulla supra terras adeo rabiosa belua, cui non imago sua sancta sit. [27.2] Nos, quibus diuina prouidentia mitiores cibos concessit, quibus sociare populos, mutuo gaudere comitatu, sidera oculis animisque cernere datum est, busta nos fecimus: nigros sanie dentes pallidis cadaueribus inpressimus, et inter horrorem ac famem restrictis labris morsus abruptimus. Cadauera rogis deuoluta sunt, et ad funera tamquam ad naues concurrimus. [27.3] Deficit aliquis extremo iam spiritu pendens; tamen durat, quia prius moriturum alterum putat. Inuicem expectant, et, si speifiguratione tardius

aqui consolação: ouçam aqui sobre homens assassinados sem derramamento de sangue, sobre <homens> sepultados, comidos <por homens>. [26.5] Se alguém inventou Ciclopes, Lestrigões, Esfinges ou as praias da Sicília onde se ouve ladrar as ancas da virgem e quaisquer crimes como o que eu, desgraçado, aprendi cometendo em casa, busque aqui um paralelo, aceitem a verossimilhança deste exemplo. [26.6] Algumas coisas claramente são falsas: o sol não se pôs no oriente, nem desviou seu lume do banquete de vísceras humanas; nos viu comer das lacerações e iluminou os corpos eviscerados. Monstruosidades foram cometidas em público e, com uma só boca, a cidade perpetrou absurdos imperdoáveis.

[26.7] De fato, a fome já não basta como nossa punição. Isto, as feras selvagens não fazem e, ainda que os mudos animais careçam de razão, no mais das vezes, porém, nutrem-se de comida inofensiva, principalmente aqueles que se acostumaram entre os homens. [27.1] Ainda se alguns animais cravam os dentes em outros, evitam se dilacerar mutuamente, nem há sobre a terra besta alguma a tal ponto furiosa que não respeite a própria imagem. [27.2] Nós, a quem a providência dos deuses concedeu alimentos mais refinados, associar-se em povos, regozijar-se na companhia mútua, e foi dado conhecer as estrelas com os olhos e com o espírito, nós nos tornamos tumbas: os dentes negros de sangue podre, cravamo-los nos pálidos cadáveres e, entre o horror e a fome, com lábios tímidos lhes arrancamos mordidas. Rolam-se os cadáveres para fora das piras e corremos todos aos funerais como se fôssemos ao porto. [27.3] Alguém está morrendo, agarrando-se ao último sopro; no entanto, resiste, porque acredita que outro está para morrer antes. Esperam uns pelos outros e, se um morre mais devagar do que a esperança imaginava, lutam por ele às dentadas. [27.4] Não é sempre que se espera pela morte: o pai olha voraz para os filhos, e a

cadit, morsibus pugna<n>t. [27.4] Non in omnibus mortes expectantur: pater liberos esurit, et oppressa decimo mense mater sibi parit: redit in uterum laceratus infans. Cludunt domos ne quis funus eripiat; solae sunt diuitiae mortium. [27.5] Velut infaustae aues supra expirantes stamus. Secreta miseri petunt, in solitudinem fugiunt, et, ubi nulla spes uitae superest, mortis suas abscondunt; iam morituri ad feras confugiunt!

[28.1] Dehisce, terra, et hanc noxiam ciuitatem, si hoc saltem fas est, haustu aliquo ad inferos conde. Caelestes auras contaminato spiritu polluimus, et sideribus ac diei graues inuidiam saeculo facimus. [28.2] Nullas iam spero fruges, propitios deos non mereor. Quomodo me a scelere meo diuellerem, in quas ultimas terras, quae inhospitalia maria conderem? Mea sine <fine> conscientia. [28.3] Vrunt animum intus scelerum faces, et, quotiens facta reputaui, flagella mentis sonant. Vltrices uideo furias, et, in quamcumque me partem conuerti, occurrunt umbrae meorum. [28.4] Habitat nescio quae in pectore meo poena, et, ne morte saltem hos metus effugiam, occupant grauia apud inferos supplicia, uolucris rota et fugacibus cibus elusus senex (adeo ne apud inferos quidem ulla poena est fame maior; et ille haec patitur, qui hominem apposuit epulandum). [28.5] Nobis imminet saxum, nobis stridunt ferreae turres, nostris causis urna iam stetit, nobis uiuax ipsum crescit iecur (quia illic quoque uiscera tantum aues laniant). Excipiunt nos in proximo litore inhumatae nostrorum animae.

mãe, sob o peso dos nove meses, dá à luz para si mesma: a criança torna ao ventre em pedaços. Fecham as casas para que não retirem seus corpos; só temos os mortos como riqueza. [27.5] Volteamos sobre os moribundos como aves agourentas. Os desgraçados buscam um esconderijo, fogem para a solidão e, quando nenhuma esperança de sobrevivência lhes resta, encobrem a própria morte; os que estão para morrer já se refugiam junto às feras!

[28.1] Abra-te, terra! Se isso ao menos nos for permitido, sepulta esta cidade criminosa, de algum modo engolindo-a para junto dos infernos. Com nosso espírito contaminado poluimos os ares celestes, nos tornamos execráveis perante as estrelas e o sol, motivo de ódio para nossa geração. [28.2] Já não espero por alimento algum, não mereço o favor dos deuses benevolentes. Como me arrancaria do meu crime, em que terras remotas, que mares inóspitos eu me esconderia? A minha consciência desconhece fronteiras. [28.3] Dentro de mim, as chamas dos crimes me consomem o espírito e todas as vezes que penso no que fiz, se fazem ouvir os açoites da mente. Vejo as Fúrias vingadoras e, para onde quer que me volte, assomam as sombras dos meus. [28.4] Não sei que pena habita meu peito e, para que não escape desses terrores na morte, me afligem terríveis castigos dignos do inferno, a roda veloz e o velho enganado por comida fugente (ainda assim, de fato, nos infernos, nenhuma pena é pior que a fome; também sofre disso aquele que serviu carne humana à mesa). [28.5] Sobre nós a pedra está suspensa, contra nós rangem as torres de ferro, por nossa causa a urna de Minos perdurou, em nós cresce por si mesmo o fígado vivaz (porque também no inferno apenas as aves retalham nossas vísceras). Recebem-nos na outra margem os espíritos insepultos dos nossos.

[28.6] Miserum me, uerane haec sunt an mens aspicit? Laceros uideo manes et truncas partibus suis umbras. Quid hoc est? Non de sepulcris insurgunt, non aliquo terrarum haustu procedunt: umbrae nostrorum de populo exeunt! [28.7] Illuc ite, illi taedas intendite, illum anguibus petite et tam longae morae exigite rationem. Vobis dicat: 'Duplum attuli', uobis dicat: 'Ad diem ueni!' Ego, si huius poenam uidero, possum reddere rationem quod uixi.

[28.6] Ai de mim, é verdade o que vejo ou a mente me engana?
Vejo meus manes dilacerados e sombras mutiladas de partes suas.
O que é isto? Não se levantam dos sepulcros, não saem de alguma
cova aberta: as sombras dos nossos mortos estão saindo do povo!
[28.7] Ide ali, estendei contra ele vossas tochas, atacai-o com ser-
pentes e exigi uma explicação para tão longa demora. Dir-vos-á,
“trouxe o dobro” e vos dirá, “cheguei no dia combinado”! Quanto
a mim, se tiver visto o suplício deste homem, posso reconhecer
uma razão para minha vida.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Michael von. 1999. *Historia de la literatura romana: desde Andronico hasta Boecio*. Vol. II. Barcelona: Herder.
- ALLEN, William Sidney. 1978. *Vox Latina: a guide to the pronunciation of Classical Latin*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- BERNSTEIN, Neil W. 2015. "Omnibus patemus insidiis: elite vulnerability in Major Declamations". In: *Reading Roman Declamation: The Declamations ascribed to Quintilian*, edited by Martin Dinter, Charles Guérin and Marcos Martinho, 253-265. Berlin; New York: de Gruyter (Beiträge zur Altertumskunde).
- BONNER, Stanley Frederick. 1949. *Roman Declamation in the Late Republic and Early Empire*. Liverpool: University Press of Liverpool.
- BOSI, Alfredo. 1977. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix/Edusp.
- CONNOLLY, Joy. 2015. "Imaginative fiction beyond social and moral norms". In: *Reading Roman Declamation: The Declamations ascribed to Quintilian*, edited by Martin Dinter, Charles Guérin and Marcos Martinho, 191-208. Berlin; New York: de Gruyter (Beiträge zur Altertumskunde).
- ECO, Umberto. 2004. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva.
- EDWARD, William. 1928. *Seneca the Elder: Suasoriae*. Bristol: Bristol Classical Press.
- FAIRWEATHER, Janet. 1984. "The Elder Seneca and Declamation". *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt (ANRW)*. Berlin, II, v. 32, 1, 515-56.
- FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães. 2015. *A Educação do orador: tradução e estudo do livro II da Institutio Oratoria*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- KOERNER, Ernst Friderik Konrad & ASHER, Ronald E. (Eds.). 1995. *Concise history of the language sciences: From the sumerians to the cognitivists*. Oxford and New York: Pergamon.
- LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. 1879. *A Latin Dictionary. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- MIOTTI, Charlene Martins & REZENDE, Wagner Silveira. 2015. "Literatura e retórica na Institutio oratoria de Quintiliano e no Supremo Tribunal Federal brasileiro". *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 47-70. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/9078/8971>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- PONTES, Jefferson da Silva. 2015. "Quintiliano e as emoções: páthos e êthos". *ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, n. 6 (2015), p. 43-53, maio 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/543>>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- RITTER, Constantin. 1881. *Die quintilianischen Declamationen. Untersuchung über Art und Herkunft derselben*. Freiburg i. Br. und Tübingen: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim.
- SHACKLETON BAILEY, David Roy. 2006. *Quintilian: The Lesser Declamations*. 2 v. Loeb Classical Library. Cambridge, MA, and London: Harvard University Press.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. 2006. *Dicionário latino-português*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Garnier.
- SOUSA, Ana Alexandra Alves de. 2011. *Medeia de Séneca (tradução, introdução e notas)*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- STRAMAGLIA, Antonio. 2002. *Quintiliano: La città che si cibò dei suoi cadaveri (Declamazioni maggiori, 12)*. Cassino: Edizioni dell'Univesità Degli Studi di Cassino.

WINTERBOTTOM, Michael. 1984. *The Minor Declamations ascribed to Quintilian*. Berlin and New York: W. de Gruyter.

EDIÇÕES DAS DECLAMATIONES MAIORES

HÅKANSON, Lennart. 1982. *Declamationes XIX maiores Quintiliano falso ascriptae*. Stutgardiae in aedibus B. G. Teubneri.

LEHNERT, Georgius. 1905. *Quintiliani quae feruntur declamationes XIX maiores*. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri.

SUSSMAN, Lewis A. 1987. *The major declamations ascribed to Quintilian: a translation*. Frankfurt am Maim: Verlag Peter Lang GmbH.

WARR, John. 1686. *The declamations of Quintilian, being an exercitation or praxis of upon his XII books, concerning the institution of an orator*. London: John Taylor.